Manual

Do

Diácono



Valdemir P. Moreira

INDICE GERAL

Capítulo 1

A NATUREZA DO DIACONATO

Capítulo 2

AS QUALIFICAÇÕES DO DIÁCONO

Capítulo 3

A PROVAÇÃO DOS DIÁCONOS

Capítulo 4

OS DEVERES ECLESIÁSTICOS DO DIÁCONO

Capítulo 5

A IGREJA E O TRABALHO FEMININO

Capítulo 6

O DIÁCONO COMO FILANTROPO

Capítulo 7

COMO SERVIR A SANTA CEIA

Capítulo 8

COMO RECOLHER AS OFERTAS

Capítulo 9

O DIÁCONO COMO PORTEIRO

Capítulo 10

O DIÁCONO COMO EVANGELISTA

Capítulo 11

A ÉTICA DIACONAL

BIBLIOGRAFIA

Capítulo 1

A NATUREZA DO DIACONATO

INTRODUÇÃO

Aquilino de Pedro afirmou que o diaconato é o ministério por excelência; o serviço é a sua razão primacial. Se nos voltarmos aos atos dos apóstolos, constataremos que não exagera o ilustrado teólogo. A diaconia outra coisa não é senão um serviço incondicional e amoroso a Deus e à sua Igreja. O diácono que não vive para servir a igreja de Deus, não serve para viver como ministro de Cristo. A essência do diaconato é o serviço; do diaconato, o serviço também é o amoroso fundamento. E sem serviço também a diaconia é impossível. Nesse sentido, quão excelso e perfeito diácono foi o Senhor Jesus!

I. A NATUREZA DO DIACONATO

1. Definição

A palavra *diaconia* é originaria do vocábulo grego *diákonos* e significa, etimologicamente, ajudante, servidor.

Já que o diácono é um servidor, pode ele ser visto também como um ministro; a essência do ministério cristão, salientamos, é justamente o serviço. Em seu Dicionário do Novo Testamento Grego, oferece-nos W.C. Taylor a seguinte definição de diácono: garçom, servo, administrador e ministro. Na Grécia clássica, diácono era o encarregado de levar as iguarias à mesa, e manter sempre satisfeitos os convivas. Na septuaginta, eram os servos chamados de diáconos, porém não desfrutavam da dignidade de que usufruíram seus homônimos do NT, nem eram incumbidos de exercer a tarefa básica destes: socorrer os pobres e necessitados. Não passavam de meros serviçais. Aos olhos judaicos, era esse um cargo nada honroso. A palavra *diácono* aparece cerca de trinta vezes no NT. Às vezes, realça o significado de servo; outras, o de ministro. Finalmente, sublime a função que passou a existir na Igreja Primitiva a partir de Atos capítulo seis. Observemos, entretanto, que, nesta passagem de Atos dos apóstolos, não encontramos a palavra *diácono.* O cargo descrito, e o titulo não é declinado. A obviedade do texto, contudo, não atura

duvidas: referiam-se os apóstolos, de fato, ao ministério diaconal.

2. A instituição do diaconato

O diácono é o único ministério cristão a originar-se de um fato social; surgiu de uma premente necessidade da Igreja Primitiva: o socorro às viúvas helenistas. Atenhamo-nos no que diz o texto que escreveu Lucas (At 6.1-7). Do texto sagrado, apontemos alguma das razões que levaram os apóstolos a instituírem o diaconato:

a) O crescimento da Igreja

Do Pentecostes à instituição do diaconato, a Igreja Primitiva cresceu de três mil convertidos, a cinco mil; a partir daí, o rebanho do Senhor não mais parou de multiplicar-se (At 2.41; 4.4). De forma que, em atos capítulo seis, o número de discípulos já havia superado a capacidade estrutural da Igreja (At 6.1). Crescendo o número de fiéis, cresceram também os problemas. Tivesse a Igreja se limitado aos cento e vinte, certamente nenhuma dificuldade teriam os primitivos cristãos. Não haveriam de precisar de diáconos, nem de pastores, e até os mesmos apóstolos seriam prescindíveis. Acontece que

as grandes igrejas enfrentam grandes desafios, e demandam, por conseguinte, grandes soluções. Com a chegada das ovelhas, vai o aprisco deixando sua rotina, vai o pastoreio desdobrando-se em cuidados e desvelos pelas almas, e o Reino de Deus vai alargando suas fronteiras e descortinando os mais promissores horizontes.

b) O descontentamento social

Relata-nos Lucas que “houve uma murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas daqueles estavam sendo esquecidas na distribuição diária”. Tal contingência não podia esperar; exigia imediata solução. Caso não houvesse uma alternativa urgente e satisfatória, a situação deteriorar-se-ia, agravando a injustiça social, e aprofundando a fissura entre os dois principais segmentos culturais da igreja em Jerusalém: os hebreus e os helenistas.

A situação que se desdenhava deixou os apóstolos mui preocupados. Como israelitas, sabiam eles que a injustiça e a desigualdade social eram intoleráveis aos olhos de Deus (Dt 15.7,11).

c) O comprometimento do ministério apostólico

Continuassem os apóstolos a suprir as necessidades dos órfãos e das viúvas, haveriam de comprometer de forma irremediável as principais funções de seu ministério (At 6.2-4). Por isso deliberaram: “Não é razoável que nós deixemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas. Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais encarreguemos deste serviço. Mas nós perseveraremos na oração e no ministério da palavra” (At 6.2-4). Como seria maravilhoso se os pastores seguissem o exemplo dos apóstolos! Infelizmente, não são poucos os que se acham de tal forma empenhados com os negócios materiais do rebanho, que já não têm tempo de orar, nem mais ligam importância à exposição da Palavra. Transformaram-se em meros executivos. Vivem mais preocupados com os rendimentos financeiros do redil do que com o bem-estar das ovelhas. Será que ainda não perceberam ter sido o diaconato instituído justamente para que os pastores nos entregassem amorosamente à oração e à proclamação dos conselhos de Deus? Queira

o Senhor que, no termino de nosso ministério, possamos dizer como o apostolo Paulo: “Porque jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus” (At 20.27).

d) A organização ministerial da Igreja

Até a instituição dos diáconos, a Igreja conhecia apenas o ministerial apostólico. Eram os apóstolos responsáveis inclusive pelo socorro cotidiano. E isto, como vimos, por pouco não compromete o desempenho do principal magistério da Igreja. Com a instituição dos diáconos, porém, formou-se a base do ministério eclesiástico. Levemos em conta também os anciãos; estavam eles sempre prontos a secundar os apóstolos. Mais tarde, o termo ancião (ou presbítero) passaria a ser sinônimo de pastor e bispo. Desde então, apesar das várias formas de governo eclesiásticos, a Igreja vem funcionando a contendo, cumprindo suas varias tarefas, tendo como base o modelo de Atos dos Apóstolos.

II. O DIACONATO E SUA NATUREZA

O que é o diaconato? Um ofício? Ou um ministério? Tendo em vista o que já foi exposto, podemos dizer que é o diaconato tanto um oficio quanto um ministério.

1. O diaconato como oficio

Ofício é uma ocupação que exige um grau mínimo de habilidade. Nesse sentido, o diaconato é um ofício; sua função acha-se claramente delimitada: suprir as necessidades dos santos. No desempenho, desse ofício, como veremos no capítulo seguinte, são requeridas específicas qualificações e habilidades. No desempenho, desse ofício, como veremos no capítulo seguinte, são requeridas específicas qualificações e habilidades.

2. O diaconato como ministério

Ministério é um trabalho, ou função eclesiástica, exercida por aqueles que são biblicamente ordenados. Da leitura de Atos 6.6, concluímos: os diáconos são também ministros. Apontemos algumas razões que nos argúem serem os diáconos integrantes do ministério cristão:

a) A instituição do diaconato foi inspirada pelo Espírito Santo

Assim como os apóstolos haviam sido chamados para auxiliar a Jesus, foram os diáconos separados para assistir aos apóstolos e pastores. Não se admite, pois,

que os diáconos façam oposição ao pastor; foram eles chamados justamente para ajudar o anjo da igreja (At 6).

b) A instituição do diaconato foi eclesiasticamente acordada

Contou com o apoio de toda a Igreja de Jerusalém que, em seu nascedouro, representava toda a assembléia dos santos. E, de conformidade com as instruções do próprio Cristo (Mt 18.9). Logo, o diaconato surgiu com o pleno apoio da Igreja de Cristo.

c) Os diáconos foram formalmente ordenados

Não foram os sete separados em segredo, mas consagrados ante a congregação. Contaram eles, conseqüentemente, com o apoio tanto da Igreja quanto do magistério apostólico.

d) Os diáconos receberam formalmente a imposição de mãos

Ai está a prova cabal de seu ministério. À semelhança dos apóstolos Barnabé e Saulo, foram os diáconos santificados ao ministério através desse ato tão significativo: “orando, lhes impuseram as mãos” (At 6.6;

13.1-3). Se não são ministros os diáconos, porque a oração e a imposição de mãos?

e) A real dimensão do diaconato

Convém ao diácono entender que, embora ministro, jamais deve ignorar a autoridade que tem o pastor sobre todos os ministérios, órgãos e departamentos da igreja. Que ele reconheça sempre a verdadeira dimensão de seu cargo e a exata razão de sua chamada, e coloque-se à inteira disposição de seu pastor. Seja amigo e companheiro deste. Cabe aqui lembrar o que disse Otis Bardwell, experimentadíssimo diácono: “O diácono não foi chamado para receber honrarias, mas para servir a Deus e à Igreja”.

3. O diaconato como um importante negócio

Na versão Revista e Corrigida de Almeida, lemos: “Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete varões (...) aos quais constituamos sobre este importante negócio” (At 6.3). A versão atualizada, porém, buscando maior aproximação com o grego, usa a seguinte expressão: “aos quais encarreguemos deste serviço”. É o diaconato, afinal, um serviço ou um importante negócio? Ambas as

coisas, pois estão certas ambas as versões. A palavra grega *chréia* tanto pode ser traduzida como *serviço* quanto como *negócio*. Ela pode ser compreendida, ainda, como “um serviço para suprir auxilio em caso de necessidade”. Portanto, nenhum erro cometeu os revisores dessas versões. Servir a Igreja, a Noiva do Cordeiro, é de fato um importante negócio! Pense nisso, diácono, e conscientize-se de sua responsabilidade.

4. Diaconato - Um ministério louvável

Louvamos a Deus, porque vêm os diáconos exercendo tão bem o seu ofício e ministério que, desde a sua instituição, a palavra *diákono* cresceu de importância; transcendeu o seu primitivo significado. Se antes evocava a imagem de um garçom solicito, hoje lembra um autentico ministro de Cristo.

Se no judaísmo o serviço aos pobres era exercido através de esmolas, os diáconos vieram a demonstrar ser isso insuficiente. É necessário proporcionar aos necessitados um serviço relevante. Não se admite mais que os santos, à semelhança de Lázaro, fiquem sob a nossa mesa do Senhor, enquanto os diáconos, amorosa e eficientemente,

prontificam-se a servi-los. Portanto, o diácono não é um mero oficial da Igreja. É um ministro. Haja vista que Paulo arrola-o juntamente com os bispos ao discorrer sobre as qualidades indispensáveis ao ministério cristão (1 Tm 8.13).

5. Jesus, o Diácono dos diáconos

Foi o Senhor um diácono em tudo perfeito. Na declaração que faz Ele em Marcos 10.45, encontramos a variante da palavra *diakonia* duas vezes: “O Filho do Hmem também não veio para ser servido [*diakonêthênai*], mas para servir [*diakonêsai*] e dar a sua vida em resgate de muitos”. Ele era Senhor, e servia a todos. Era Rei prometido, mas se dizia servo dos servos de Deus. Deveria estar à mesa, mas ei-lo a lavar os pés dos discípulos.

Embora o apocalipse mostre-o na plenitude de sua gloria, vemo-lo em Isaias, como o servo sofredor. A fim de assumir a sua diaconia, despojou-se de suas prerrogativas, assumiu a nossa forma e pôs-se a servir indistintamente a todos.

Este é o nosso Senhor; Diácono dos diáconos!

Conclusão

Como você pôde constatar, o ministério diaconal reveste-se de especial importância à Igreja de Cristo. É imprescindível aos santos! Por isso, deve ser exercido com amor e eficiência. Ou eficiência amorosa? Não o menospreze. Não o tenha como um degrau para se alcançar outros cargos e ministérios. Mas como seria útil se os pastores todos tivéssemos experimentado os privilégios do diaconato! Seríamos, hoje, mais úteis no episcopado. O diaconato é um ministério; tem de ser exercido integral e plenamente. Pense nisso! E assuma o seu compromisso com Deus.

Capítulo 2

AS QUALIFICAÇÕES DO DIÁCONO

INTRODUÇÃO

Tenho um amigo, cuja vocação é ser diácono. Neste ministério, não lhe foi difícil alcançar a excelência. Pois sempre reconheceu, com profunda humildade, ter sido ungido para servir à mesa de Cristo, à mesa da Igreja e a mesa de seu pastor. Para esse meu amigo, é a diaconia uma raríssima oportunidade de agradar ao Senhor Jesus.

Com que solicitude, serve ele a Igreja de Cristo! Sabe lidar com as crianças. É tolerante com os jovens. Trata os idosos com paciência. Socorre os necessitados. Evangeliza. E está sempre à disposição dos que se afadigam na Palavra. Tão especial é esse meu amigo que o ministério achou por bem, certa vez, homenageá-lo. Mas como premiar alguém que tão eficazmente vinha desempenhando o diaconato? Que ao presbitério seja promovido! E, assim, foi. De um dia para o outro, perdemos um excelente diácono, e não ganhamos um

presbítero. Tempos depois, lá estava o meu amigo importunando o pastor a fim de voltar às lides diaconais. E a sua importância era tão oportuna, que não havia como desconsiderá-la. A fim de remediar a situação, houveram por bem “removê-lo” à função para qual fora vocacionado.

I. AS QUALIFICAÇÕES DO DIÁCONO

As qualificações diaconais são os requisitos imprescindíveis que tornam o obreiro cristão apto a exercer o ministério de socorro aos necessitados e de serviço aos santos. Tais qualificações acham-se compreendidas em Atos 6.3 e na primeira Epístola de Paulo a Timóteo 3.8-13. Em ambas as passagens, há um elenco de virtudes e requisitos, que só encontraremos em homens de valor. Por que tais qualificações fazem-se tão necessárias?

A resposta é obvia. Diferentemente do escravo do AT, de quem era requerida apenas uma cega subserviência, o diácono do NT viria a ocupar um lugar de honrado destaque na Igreja de Cristo. Não seria ele um servo comum; erguer-se-ia como ministro. Eis a seguir os requisitos exigidos:

1. De boa reputação

Afirmou Publílio Siro que a reputação é um segundo patrimônio. Se o admirável poeta latino estivesse a reviver os passos iniciais da Igreja de Cristo, certamente haveria se içar a reputação à mais alta das grandezas sociais. Pois a primeira virtude que os cristãos primitivos reclamaram dos postulantes ao diaconato foi justamente a boa reputação: “Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete homens de boa reputação...” (At 6.3).

a) O que é a reputação

Originaria do vocábulo latino *reputatione,* a palavra reputação significa fama, celebridade e renome. O erudito evangélico Samuel Vila realça quão significativo é este termo: “Reputação é uma das vozes mais sábias que tem a nossa língua. É a nossa fama ou credito pessoal; é algo que se submete ao julgamento público todos os dias. Reputar, pois, é julgar repetidamente a uma pessoa ante o fórum da moral pública”.

De conformidade com o étimo da palavra, os sete primeiros diáconos já vinham sendo observados e rigorosamente julgados tanto pelo colégio apostólico

quanto pela igreja. E, nesse julgamento, foram todos eles aprovados com o máximo louvor. Por conseguinte, antes de separarmos um obreiro ao diaconato, exijamos tenha ele uma boa reputação. Se não for bem conceituado diante da igreja e do ministério, que não seja aceito. E que sua reputação seja também comprovada pela família e pela sociedade.

O diácono haverá de ser um esposo exemplar, um pai responsável e prestimoso, um cidadão honesto e cumpridor de seus deveres. Se a sua reputação não transcender a tais limites, reprovemo-lo. Doutra forma, trará somente aborrecimentos à igreja, e transtornos à obra de Deus.

b) O significado grego da palavra reputação

No original, temos o vocábulo *marturouménous* que significa não somente reputação como também testemunho. Devem os diáconos portanto, desfrutar de um inconfundível atestado público. Que todos lhe comprovem a idoneidade do caráter e a fé sábia e experimentada nas boas obras. Você tem zelado por sua reputação? Como obreiros de Cristo, somos submetidos a

julgamentos diários. Somos julgados em casa, na sociedade e na igreja. Até mesmo em nosso íntimo, somos nós julgados. É com base em tais julgamentos que seremos chamados a ocupar as maiores responsabilidades no Reino de Deus. Você tem um nome a zelar; cuide de sua reputação. E que não ocorra conosco o que se deu com um dos personagens de Shakespeare: “Reputação, reputação, reputação! Ah, perdi a reputação! Perdi o que em mim havia de mortal, e o que fica é bestial”.

2. Cheios do Espírito Santo

O ser cheio do Espírito Santo é o mesmo que ser batizado? Não quero, aqui, perder-me em discussões acerca desse binômio. Se desprezarmos nossas raízes, diremos tratarem-se de coisas completamente distintas. Se nos voltarmos, todavia, aos primeiros dias da Igreja, constataremos: os discípulos só eram considerados cheios do Espírito Santo somente depois de haverem passado pela experiência pentecostal (At 2.4; 10.47; 19.6). Sobre a controvérsia, pronuncia-se o Dr. George E. Ladd: “Quando o Espírito Santo foi dado aos homens, os

discípulos foram batizados e ao mesmo tempo *cheios do Espírito Santo".* Stanley M. Horton também é bastante taxativo; não admite réplicas: "Todos os 120 presentes foram cheios, todos falaram em novas línguas, e o som das línguas foi publicamente notório" (Grifos nossos).

O saudoso pastor Estevão Ângelo de Souza, um de nossos maiores teólogos, não faz separação entre o ser cheio e ser batizado no Espírito Santo: "O batismo com o Espírito Santo é um ato de Deus pelo qual o Espírito vem sobre o crente e o *enche plenamente*. É a vinda do Espírito Santo para encher e apoderar-se do filho de Deus como propriedade exclusivamente sua". É nos oportuno aqui recorda o que disse Hopkins: "Devemos reconhecer o fato de que ter o Espírito Santo é uma coisa, e ficar cheio (batizado) do Espírito é bem outra". Diante do exposto, como entender Efésios 5.18? Leiamos esta passagem:

"E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito". Como harmonizar essa recomendação de Paulo com a reivindicação feita aos sete diáconos? Em primeiro lugar, há que se entender

que, em todos os episódios de Atos dos Apóstolos, onde se menciona o “encher do Espírito Santo”, temos um ato soberano e instantâneo de Deus. É algo que se dá de fora para dentro, de cima para baixo.

Temos, aqui, pois, a efusão ou derramamento do Espírito Santo. Ao passo que, em Efésios, deparamo-nos não com um ato, mas com um processo de enchimento que se dá de dentro para fora. E este processo, ao contrario daquele, depende da vontade do crente. Se este não seguir a recomendação bíblica, e desprezar o exercício da piedade, não poderá conservar o enchimento do Espírito Santo.

Vejamos como, no original, o verbo grego é usado em Efésios 5.18: *allá plerousthe em pneúmati*. “Mais enchei-vos do Espírito Santo”. O verbo *plerousthe* acha-se no presente do imperativo passivo da segunda pessoa do plural. Neste caso, o tempo presente exige uma ação habitual continuada. É como se o apóstolo Paulo estivesse recomendando aos irmãos de Eféso: “Deveis, constante e permanentemente, permite que o Espírito Santo domine vossas vidas”. Deve o diácono, por

conseguinte, não apenas ser batizado no Espírito Santo como também manter a plenitude do Espírito através do cultivo da piedade e do fruto do Espírito Santo. É uma ordem a ser cumprida hoje e por todo o crente, seja este obreiro ou não.

Conclui-se, pois, que os diáconos têm de ser não somente batizados no Espírito Santo como se manter na plenitude do Espírito. Sua experiência haverá de ser completa; da conversão ao batismo no Espírito Santo, mais do que plena. Os pentecostais, mercê de Deus, temos nos pautado por esta regra de ouro.

É por isso que separamos para o ministério somente os que, além de sua comprovada conversão, já receberam o batismo com o Espírito, e na plenitude do Espírito Santo, perseveram. Hoje, porém, não são poucas as igrejas que, alegando ser o diácono um mero cargo local, vêm consagrando a esse ofício homens que ainda não experimentaram o batismo no Espírito Santo. Isso é mui temerário! Pois estaremos, dessa maneira, abrindo um perigoso precedente nas fileiras de nossos obreiros que, desde o inicio da Obra Pentecostal, vêm pautando-se por

uma vida espiritual singularmente plena. Além do mais, consideremos as dificuldades que envolvem o diaconato. Por ser um ministério que se põe na linha de frente, exige de quem o exerce um poder sobrenatural. Já pensou se Estevão ou Felipe não desfrutassem de semelhante virtude? Como se haveriam naqueles dias tão difíceis?

3. Cheio de sabedoria

Alguém já disse, mui apropriadamente, que este é o século do conhecimento, mas não da sabedoria. Embora tenhamos avançado tanto, em todas as áreas da tecnologia, espiritualmente pouco, ou quase nada logramos. Se para obter conhecimento, bastam os estudos e a pesquisa, o mesmo não acontece com a sabedoria. Para se conquista-lá, demanda-se o exercício contínuo e pessoal da piedade; o temor do Senhor é o seu principio (Pv 1.7).

De acordo com a ótica Bíblica, a sabedoria é a forma como vivemos, agimos e reagimos às circunstâncias; é o reflexo da natureza divina em nossa existência. Traduz-se a sabedoria num viver irrepreensível e santo. Esse era o tipo de sabedoria que os apóstolos esperavam encontrar

nos diáconos. Não buscavam necessariamente homens ilustrados e cultos. Mesmo porque, como diria Chaucer, nem sempre são os mais eruditos igualmente os mais sábios. Os diáconos, porém, não deveriam eles de ser plenos. A expressão grega não deixa dúvidas: *pléreis sphías.* Cheios de sabedoria! É o que se impunha a cada um dos diáconos.

a) O que é sabedoria

W.C. Taylor explica-nos qual o seu significado no grego do NT: “O mais elevado dom intelectual, de compreensiva intuição nos caminhos e propósitos de Deus; sabedoria prática, os dotes do coração e mente que são necessários a conduta reta da vida”.

Afirma Souter que a sabedoria é “o variado conhecimento de coisas humanas e divinas adquirido pela agudez e experiência, e resumida em máximas e provérbios; perícia na direção de afazeres; prudência nas relações com homens incrédulos; discrição e aptidão em ensinar a verdade; o conhecimento e a prática dos requisitos de uma vida reta e piedosa; conhecimento do plano divino, outrora velado, de prover a salvação para os homens pela

morte expiatória de Cristo". Por conseguinte, a sabedoria que as Sagradas Escrituras estão a exigir dos diáconos não é a cultura livresca e acadêmica. É a experiência que nos advém de uma vida de intima comunhão com o Senhor.

b) Como adquirir semelhante sabedoria

A verdadeira sabedoria é adquirida através da:

- Leitura diária da Bíblia Sagrada: quanto não temos de aprender dos profetas e apóstolos! Foram estes sábios divinamente inspirados a espargir luz onde só havia trevas. E todas as vezes que, com eles nos privamos, tornamo-nos mais sábios.

- Orando e chorando: faz bem o diácono que se dedica diariamente a oração. É um exercício que requer perseverança e Constância. Quanto mais buscar a Deus, mais municiado sentir-se-á. E, com o passar dos tempos, haverá você de constatar que o seu ministério será de tal forma honrado, que, naturalmente (ou sobrenaturalmente?), estará a realizar outras tarefas ao seu Senhor? Haja vista o que aconteceu a Estevão e a Felipe.

- Cultivando o temor do Senhor: a Bíblia é muito clara: o principio da sabedoria é o temor a Deus (Pv 1.7). Esse temor, que pode ser interpretado como a mais profunda e singular reverência ao Todo-Poderoso, força-nos a cultivar uma vida de intensa piedade. A partir daí, tudo faremos para jamais desagradar ao Único e Verdadeiro Deus (Ap 14.7).

4. Sejam honestos

Depois de haver discorrido acerca dos requisitos acerca dos requisitos ao episcopado, Paulo põe-se a considerar o ofício diaconal. Pelas as expressões que usa, tinha ele os diáconos em elevada consideração. Destes, exige o apóstolo promovidas qualificações: “Da mesma sorte os diáconos” (1 Tm 3.8). No original, tal expressão é mui significativa: *Diakónous hosaútos.*

O vocábulo *hosaútos* equivale a *de igual modo, da mesma maneira.* Wilbur B. Wallis lembra que “o pensamento principal parece ser que deveria haver o mesmo tipo e grau de dons e qualificações para os diáconos, segundo o padrão dos anciãos”. Devem ser os diáconos, portanto, ser tão qualificados quanto os bispos.

a) O que é honestidade

Probidade, decência, decoro. É a qualidade de quem é íntegro e digno. A palavra grega para honestidade é *semnótes:* seriedade, honradez, respeito. Barret é de opinião que esse versículo pode ser assim traduzido: “Da mesma forma sejam os diáconos homens de princípios elevados”.

b) A razão da honestidade

Em virtude de suas obrigações administrativas, o diácono tem de se mostrar incorruptível. É ele quem estará a lidar com os tesouros dos santos. Em muitas igrejas, além de recolher os dízimos e ofertas, estará também administrando os recursos captados aos homens, mulheres, jovens e crianças que vêm ao santuário adorar ao Criador com as suas fazendas e haveres. Caso não seja honesto, agirá o diácono como Judas: lançara mão de quanto se deposita na bolsa do Cristo (Jo 12.6).

A honestidade também é sinônima de seriedade. Como estará o diácono a tratar como povo, é imperativo inspire ele respeito. Como seria lamentável se as senhoras o evitasse por causa de sua postura lasciva! Na casa de

Deus, tem o diácono um elevado papel a representar. Honestidade é um de nossos maiores legados. Que jamais a percamos. Se dela abrirmos mão, o que nos restará? Perguntava o romancista inglês John Lyly do século XVI.

5. Não de língua dobre

O portador desse aleijão moral, não pode ser depositário de confiança alguma. É alguém que não consegue manter a própria palavra; jamais serve como testemunha. Tem sempre duas palavras uma para cada ocasião. Versões? Muitas! Depende da circunstancia. Ele é falso, caluniador, peçonhento. Vive para difamar e difama para viver. Está sempre pronto a trair os melhores amigos, e a semear inimizades entre os companheiros. Terá ele, por ventura algum companheiro ou amigo?

Por força das reivindicações diaconais, terão os candidatos ao cargo uma só palavra. O seu dizer será: sim, sim, e não, não. O que disto passar virá certamente do maligno. No original, a Expressão língua dobre é mui significativa. *Dialógous* significa língua-dupla. O que detém semelhante deformidade moral dá a um mesmo

fato as mais variadas versões. Pouco lhe importa se a honradez do próximo será ou não comprometida. O homem de língua dobre, de acordo com o grego, é também o fofoqueiro. É aquele que não sabe guarda segredo; está sempre a arruinar a reputação alheia. É uma tragédia para o povo de Deus o diácono de língua dobre. Compromete o seu pastor e a honradez de cada uma das ovelhas. Vê coisas que jamais existiram; fala daquilo que nunca houve. Inventa, fantasia e está sempre a mentir. Pouco lhe importa se vidas forem enlameadas, ou lares, destruídos.

O bom diácono é discreto; sabe guarda segredo. Possui ele o suficiente despacho para resolver as mais embaraçosas situações sem comprometer o caráter de seus conservos. Ele tem uma só palavra; não se preocupa em ser politicamente correto conquanto seja justo, fiel e leal.

6. Não dados a muito vinho

Afinal, é licito ao crente ingerir álcool? Se lermos as Sagradas Escrituras, deparar-nos-emos com homens e mulheres piedosos que o beberam. Todavia, há que se

responder a uma outra pergunta: é conveniente? Responde Paulo: “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma” (1 Co 6.12). Entre a licitude e a conveniência, optemos por esta; aquela acarreta-nos, não raro, dificuldades e amargores.

Era lícito a Noé beber do fruto da vide? Certamente. Mas descobriu-se inconveniente em sua tenda (Gn 9.20-29). E as filhas de Ló? Era-lhes lícito dar vinho ao pai? Só que um abismo chamou outro abismo até que o incesto para sempre manchou a família desse patriarca (Gn 19.30-38).

Como diria Salomão, o vinho é escarnecedor (Pv 20.1). Escarnece o vinho de tudo; jamais se farta de escarnecer. Conscientizemo-nos de que o Senhor Jesus nos chamou para sermos uma sociedade de temperança. Por isso, temos de optar pela conveniência, e da licitude, em certos casos, abrir mão. Se bebermos moderadamente estaremos pecando? Todavia, bem faremos se, das bebidas fortes, nos abstivermos. Pois não são poucos os que se contaminaram com álcool. Levavam os recabitas

tão a sério as recomendações divinas e as tradições paternas, que vieram até a renunciar os mais legítimos direitos.

Num momento particularmente difícil em Judá, quando os filhos de Abraão quebrantavam abertamente a Lei de Moisés, ignoravam sua cultura e os mais santos legados, os descendentes de Recabe aferraram-se ainda mais ao seu compromisso. Instados a tomar vinho, redargüiram: “Não beberemos vinho, por que Jonadabe, filho de Recabe, nosso pai, nos mandou dizendo: Nunca bebereis vinho, nem vós nem vossos filhos” (Jr 35.6).

Se devemos pautar-nos como sociedade de temperança, como encarar a presente recomendação de Paulo? Claramente recomenda o apóstolo que os diáconos não sejam dados a muito vinho (1 Tm 3.8). Como nos haveremos diante dessa aparente contradição? Em primeiro lugar, entendamos o contexto cultural em que a epístola foi escrita. Tanto a sociedade grega quanto a hebréia encaravam com naturalidade o vinho; tinham-nos como benção dos céus. Eurípides chegou a afirmar que, onde não há vinho, não existe amor. Todavia, com o

aprimoramento consuetudinário da Igreja, foi esta assumindo sua vocação como agência de temperança. Até que, em Efésios, recomenda o apóstolo: “E não vos embriagues com vinho em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito” (Ef 5.18).

A expressão grega Já em 1 Timóteo, Paulo é ainda mais explicito. Segundo deixa bem patente, o candidato ao ministério pastoral não pode ser dado ao vinho (1 Tm 3.3). Com respeito aos diáconos, parece haver certa tolerância. A expressão grega é piedosamente esclarecedora: *mé oino pollo proséchontas.*

A idéia, no original, retrata alguém com a mente voltada para o vinho; não pode livrar-se dessa obsessão. É alguém dominado pelas bebidas fortes. Por conseguinte, como pode um diácono, nessas condições, servir a obra de Deus e zelar pelo bem estar dos santos? Como pode ser um ministro se não ministra o próprio ser? Ainda que haja nessa recomendação paulina uma aparente abertura para se beber moderadamente, a experiência alerta-nos: a abstinência ainda é o melhor caminho. Willbur B. Wallis é categórico: “O testemunho da Bíblia é consistentemente

contra o uso da bebida forte. A aplicação prática do princípio na sociedade moderna é de total abstinência". Que os diáconos sejam comedidos. Ou melhor: que primem eles pela abstemia. Se não beberem, estarão livres de cometer aqueles pequenos desatinos e lapsos que tanto mancham o homem de Deus.

Sejamos mais explícitos: que jamais se dêem ao vinho; o exercício de seu oficio exige em tudo sobriedade. Estejam sempre atentos às reivindicações de seu ministério; não se deixem levar pela alegria fútil e irresponsável das bebidas fortes.

O exemplo de Noé é uma seriíssima advertência. Embora piedoso, expôs-se vergonhosamente; trouxe a maldição sobre a família. Maldição esta que, ainda hoje, vem desafiando o concerto das nações do Médio Oriente.

7. Não cobiçosos de torpe ganância

Como esquecer a Balaão? Este profeta bem que poderia haver entrado para a história sagrada com as honras do misterioso Melquisedeque, ou com as deferências do avisado e sábio Jetro. Ambos, estrangeiros e gentios como ele. Desventuradamente, Balaão não buscou

sublimar tal privilégio. Deixou-se induzir pelo prêmio da corrupção. Corrupto e corruptor, viveu para corromper, e, corrompido, pereceu ele. Balaão era um típico cobiçoso de torpe ganância. Vendeu-se para amaldiçoar e fazer tropeçar a Israel (Nm 22.1-7). E como foi lutuoso o seu fim! Nas Sagradas Escrituras, Balaão não é visto apenas como avaro e ganancioso. É visto também como o inaugurador de um caminho maldoso e de uma doutrina que, por pouco, não destrói a Israel (2 Pe 2.15; Ap 2.14).

Até onde conduz a torpe ganância! O que começou em ambição, termina em heresias; em gravíssimos pecados, acaba-se. A torpe ganância, pelo que depreendemos das escrituras apostólicas, também levou um diácono a cometer os mesmos desatinos de Balaão. Refiro-me a Nicolau (At 6.5).

Se de fato foi este o famigerado heresiarca da Ásia Menor, temos aqui Balaão do Novo Testamento. A obra de sua seita tornou-se de tal forma repugnante, que Jesus por pouco não antecipa o dia da ira (Ap 2.6). Esse heresiarca, como todos os demais, permitiram-se embriagar pela usura. E já tudo cobiçando, deturpando e

tudo corrompendo-se até o inferno. Grande desgraçã operou ele no seio da Igreja Primitiva! Não é sem razão que Paulo exige seja o diácono despojado da torpe ganância: “Não cobiçoso de torpe ganância” (1 Tm 3.8).

No grego: *mé aischokerdeis.* A expressão pode ser entendida também como: não amante do lucro, não mercenário. Por que não podem os diáconos ser gananciosos? Em primeiro lugar, exige-se tenha o homem de Deus uma postura íntegra e santa. Ele tem de ser, no mínimo, incorruptível. Pois estará a lidar com os bens econômicos e financeiros da Igreja. Se incorrupto e reto, jamais cairá em torpes ganâncias.

Saberá como encaminhar devidamente as ofertas e os dízimos dos fiéis. Não são poucos, desgraçadamente, os que têm desviado o dinheiro do tesouro sagrado. É um abismo que sempre acaba por atrair outros abismos. Que o diácono administre correta, sabia e piedosamente os próprios bens. Se for avaro, não haverá de permitir sejam os recursos dos santos empregados em favor dos necessitados. Quererá tudo para si. Não fazia assim Iscariotes? Tecnicamente, foi Judas o primeiro diácono. E

que péssimo diácono foi ele! Amou tanto o dinheiro, que pelo dinheiro foi arruinado. A única coisa que logrou com tudo o que roubara foi a própria sepultura (At 1.18.19).

8. Guardando o ministério da fé em uma pura consciência

Além das qualidades morais e sociais, exige-se seja o diácono são na fé. Que esteja de conformidade com as Sagradas Escrituras, e as tenha como única regra de fé e prática. Que sustente a sã doutrina, e não evidencie quaisquer desvios no que tange à ortodoxia. Estejamos atentos a recomendação de Paulo: “Guardando o ministério da fé em uma pura consciência” (1 Tm 3.9).

O que deseja o apóstolo aprendamos aqui? Que só poderemos qualificarmos como guardiões dos mistérios da fé se pura estiver nossa consciência. Requer-se, pois, do diácono obediência ativa e reverente. Doutra forma, cairá na tentação do diabo; e não demora muito, eis mais um heresiarca egresso das fileiras diaconais. Somente uma consciência purificada pelo sangue de Jesus pode debelar a virulência da heresia. Por conseguinte, é inadmissível um diácono que, embora social e

moralmente correto, ostente aleijões doutrinais. Tem de ser ele um expoente incorruptível da Palavra de Deus. Haja vista Estevão. Diante do sinédrio, expôs este com tanta mestria a história da salvação, que deixou a todos assombrados (At 7).

Seu discurso é o pronunciamento de uma autoridade incontestável das Sagradas Escrituras. E Filipe? Não se revelaria ele um abalizado evangelista? O plano da salvação que expôs ao eunuco de Candace foi tão eficaz, que levou o etíope a converte-se radicalmente ao Senhor Jesus (At 8.26-40).

Se Estevão e Felipe destacaram-se pela correção doutrinária, o mesmo não aconteceria a Nicolau. Foi este um escândalo para a Igreja de Cristo. Não demorou muito, e já estava revelando suas deformidades doutrinárias e comportamentais. A muitos corrompeu; e, da verdade, desviou várias igrejas. No próximo capítulo, quando estivermos a discorrer sobre a prova dos diáconos, veremos como aferir a sua pureza doutrinária. Por enquanto, que estes conselhos sejam piedosamente observados:

a) Leitura diária da Bíblia

Deve o diácono ser um assíduo leitor das Escrituras Sagradas. Quanto mais estudar a Bíblia, mais livre estará de cair em heresias e enganos. A recomendação de Paulo é mui taxativa: “Persiste em ler” (1 Tm 4.13).

b) Estudo sistemático da Bíblia

Além do estudo diário e devocional das Sagradas Escrituras, deve o diácono também estudar sistematicamente a Palavra de Deus. Faria bem o diácono se cursar um seminário que zele pela ortodoxia. Em suma: Primando pelo estudo sistemático e sempre piedoso da Bíblia, o diácono jamais se contaminará com os engodos doutrinários. Pois estará a guardar o mistério da fé numa pura consciência.

9. Os diáconos sejam maridos de uma mulher

A vida conjugal do diácono tem de ser um exemplo. Atenhamo-nos à recomendação do apóstolo: “sejam maridos de uma mulher” (1 Tm 3.12). O que Paulo aqui demanda é que o candidato ao oficio diaconal tenha uma vida conjugal sem embaraço ou equívocos. Nada deve

prendê-lo ao passado; todos os seus problemas sentimentais têm de estar bem resolvidos. Nada de casos pretéritos, nem episódios que estejam a reclamar explicações e desdobramentos. O seu comportamento em relação às mulheres deve evidenciar um homem comprovadamente de Deus. Com as jovens, seja um irmão mais velho; respeitador e cortês. Com as mais idosas, um filho querido e solícito. Com as crianças, um pai cuidadoso e atento. Se não se contiver diante do sexo oposto, seja vetada sua indicação ao diaconato. O diácono tem de ser fiel à esposa. E que jamais se dê aos namoricos e flertes!

10. Governem bem seus filhos

A advertência de Paulo não admite evasivas: “e governem bem seus filhos” (1 Tm 3.12). Busquemos a expressão no grego: *téknõn kalõs proistámenoi.* O verbo *proístemi,* aqui na primeira pessoa do indicativo singular, é riquíssimo em acepções. Etimologicamente, significa: tomo posição em frente, assumo a direção, a liderança e o governo. Significa também: sou cuidadoso, sou atencioso, e aplico-me aos meus deveres. Da expressão paulina, somos

instados a concluir: o pai cristão não é um mero educador; é antes de tudo o administrador de seus filhos. Nessa condição, tudo fará a fim de que estes sejam bem sucedidos tanto diante de Deus quanto diante dos homens. Não foi educado assim o menino Samuel? E, nessa tarefa, a disciplina é de fundamental importância.

Se há um obreiro que necessita trazer os filhos sob disciplina, é o diácono. Pela natureza mesma de seu cargo, seus filhos têm de ser um consumado exemplo de vida cristã. Isto não significa, porém, que estes devam abdicar da infância e das coisas próprias de sua idade. Doutra forma, haveriam eles de nascer já adultos. Haja vista o que Paulo confessa aos coríntios. Quando menino, falava como menino e, como menino, agia. Mas chegando a maturidade, já se comportava como adulto e, como adulto, já discorria (1 Co 13.11).

Se por um lado, não podemos violentar a pueril natureza de nossos filhos; por outro, não devemos deixá-los entregues à própria vontade. Em seus provérbios, exorta-nos Salomão a educar a criança no caminho em que deve andar porque, mesmo grande, jamais apartar-se-á dele

(Pv 22.6). Isto significa que, mesmo disciplinada, uma criança jamais deixará de ser criança... feliz, educada e bem orientada quanto ao futuro. Faça culto domestico todos os dias. Ore com os seus filhos; leia a Bíblia com eles. Ouça-os em seus dilemas. Admoeste-os na Palavra. Leve-os à Escola Dominical. Procure saber quem são os seus amigos e colegas. Interrogue-os acerca de seus lazeres.

Na casa de Deus, que eles se portem com decência e profundo temor. Crianças, adolescentes ou jovens, podem os nossos filhos ter uma postura reconhecidamente cristã, e nem por isso deixarão de ser eles mesmos. Que exemplo maravilhoso viu Paulo na casa de Filipe! Em sua viagem a Jerusalém, visitou Paulo esse antigo diácono, e ficou impressionado pela maneira como agora evangelista dirigia o lar. Tinha este quatro filhas virgens, e todas elas profetizavam (At 21.9). Se conseguirmos ordenar assim o nosso lar, que maravilha não haverá de ser!

11. Governem bem suas próprias casas

Governar a casa não é somente trazer os filhos sob disciplina nem manter perfeita sintonia com a esposa. É

gerir os negócios do lar de tal forma que este venha a funcionar produtiva e eficazmente. Aliás, a palavra economia tem uma etimologia bastante interessante. Ela é formada por dois vocábulos gregos: *oikos,* casa, e *nomos,* lei.

Se fosse necessário, daríamos a esta palavra a seguinte definição: Conjunto das leis que regulam o funcionamento de uma casa, com o objetivo de suprir-lhe todas as necessidades, e equilibrar suas receitas e despesas. Talvez tivesse Paulo este vocábulo em mente ao recomendar: “que governe (...) bem a sua casa” (1 Tm 3.12).

Em grego: *proistámenoi kai ton idíon oikon.* Governar a casa implica em contemplar-lhe e suprir-lhes todas as carências e demandas; saldar-lhe os compromissos; fazer com que as rendas da família sejam bem empregadas. Governar bem a casa implica em equilibrar-lhe as receitas e as despesas. Afinal, terá o diácono de, em algumas igrejas, administrar os bens materiais destas. Se não tem ele o governo de sua casa, como haverá de agir a casa de Deus? Se não sabe lidar com o próprio dinheiro, como

lidará com o dinheiro dos santos? Que esta pergunta seja respondida com sinceridade por todos os diáconos.

Conclusão

Reúne você as condições necessárias para o diaconato? Como está a sua reputação? O seu testemunho condiz com sua vida? Vive você na plenitude do Espírito Santo? Como estão as qualificações que Deus lhe requer? Enquanto fazemos uma pausa no estudo deste manual, responda com toda a sinceridade a essas perguntas. Se alguma falha você descobrir em sua vida, recorra imediatamente ao Senhor. Não seja condescendente com os próprios pecados. Através da Bíblia Sagrada, busque o ideal do homem de Deus; a perfeição em Cristo Jesus. Afinal, nosso caminho tem de ser como a luz da aurora: haverá de brilhar até se fazer perfeito dia. Não se conforme jamais com sua condição. Exalte sempre a Cristo em sua vida pessoal e íntima, em seu ministério e no amor que você devota a Deus e aos santos.

Capítulo 3

A PROVAÇÃO DOS DIÁCONOS

INTRODUÇÃO

Não sei quando teve inicio a aprovação de meu diaconato. Mas de uma coisa não posso esquecer-me: mesmo não sendo diácono, lá estava eu fazendo as coisas de diácono. E isso ainda me traz singular satisfação. Recolhia as ofertas e os dízimos. Cuidava das portas do santuário. Distribuía a Santa Ceia. Visitava os pobres, aflitos e enfermos. E achava-me sempre presto a auxiliar o meu pastor em qualquer emergência. Embora não o fosse, já era um típico diácono das Assembleias de Deus. Mui sutilmente, vinha eu sendo experimentado para o trabalho. Homens santos e pacientes forjavam-me com suas admoestações; com suas palavras sempre oportunas, moldavam-me. E, finalmente, quando separado para o ofício, não me senti sobressaltado nem afligido; já me havia adaptado às lides do ministério. Fora-me utilíssima cada uma daquelas provações. Hoje, voltei

a recordar aquele período. E só tenho a gradecer a Deus por todos aqueles ensaios e adestramentos. Fazendo uso das palavras de Lucas de Clapiers, diria que aquelas experiências me foram a demonstração das demonstrações. Como desejo venham todos a beneficiar-se das lições de uma provação, recomendo a leitura deste capítulo tanto aos candidatos ao diaconato quanto aos pastores; estes, porque provam; aqueles, porque estão sendo provados.

I. O QUE É A PROVAÇÃO DO DIÁCONO

Por termos, aqui, um conceito subjetivo e, às vezes, perigosamente elástico, o período de provação do diácono tem de ser administrado com muito cuidado e de conformidade com o que requer a Palavra de Deus. Pois muitos pastores, não sabendo como provar, ou experimentar, os seus aspirantes ao ministério, acabam por confundir as legitimas e bíblicas provações com caprichos acintosamente humanos. E, dessa forma, perdemos excelentes obreiros. Para que isso não venha a acontecer, faz-se necessário levar em consideração o que realmente diz a Bíblia sobre o assunto. A provação

diaconal é o período de treinamento e preparo que antecede a ordenança do obreiro ao diaconato, e tem por objetivo aferir se ele reúne, ou não, os requisitos básicos para exercer esse ministério. A experiência ensina-nos que, caso não possua ele o elenco de atributos requeridos pela Bíblia, deve ser deixado onde está. Se teimarmos em içá-lo ao cargo, corremos um sério risco: perderemos um crente valoroso, e o diácono, jamais o acharemos. Pois os que não foram chamados ao ministério, poderão, se neste ingressarem, cair na tentação do diabo. Inchar-se-ão até que venham a cair naquela soberba que levou o Senhor a expulsar o ungido querubim do Éden Celeste.

1. E também estes sejam primeiro provados

Ao alistar as qualificações para o diaconato, o apostolo Paulo recomenda: “E também estes sejam primeiro provados, depois sirvam, se forem irrepreensíveis” (1 Tm 3.10). No original, lemos: *kai houtoi dé dokimazésthõsan prõton, eita diakoneístõsan anégklêtoi ontes.* Observamos a exta acepção de *dokimazésthõsan.* Em grego, significa: aprovar depois do teste. Quanto ao termo *diakoneístõsan,* podemos nele descobrir a seguinte implicação: atuar

como diácono, ministrar, servir. Mas isto somente depois de o candidato ao cargo mostra-se irrepreensível, isento de toda e qualquer acusação: *anégkletoi.*

Ao comentar o trecho em questão, o professor de linguagem e letras do Novo Testamento, Wilbur B. Wallis, explica que a provação, ou experimentação, não deve ser feita “por meio de um teste formal, mas pela aprovação da igreja. O *se* é significativo: parece querer dizer que os candidatos estará a inteirar-se melhor de suas condições e limites. Quando da escolha dos sete diáconos, parece que já vinham estes sendo observados e julgados tanto pelo colégio apostólico quanto pela a igreja. Daí o sucesso do empreendimento. Observa-se, pois, que, embora difícil de ser aplicado, a provação do diácono é de suma importância.

2. Por que a provação do diácono é importante

A provação do diácono é de suma importância por constituir-se na oportunidade de que tem a igreja de conhecer os seus servidores. É também o ensejo de que disporá o candidato para conhecer a si mesmo, pois conhecemos pouco ou quase nada de nós mesmos.

Jaime Balmes pondera com redobrada tristeza: “A maioria dos homens desce ao sepulcro não somente sem se haver conhecido, mas, o que é pior, sem havê-lo tentado”. Deus não precisa conhecer-nos; Ele tudo sabe. Mas a igreja tem de me conhecer, e eu devo conhecer-me a mim mesmo. Não é sem razão que esta era uma das máximas de Sócrates: “Conhece-te a ti mesmo”.

O aperfeiçoamento pessoal só é possível a partir do conhecimento que se tem de si mesmo e da sociedade que nos rodeia. Conhecedo-me, poderei corrigir-me. Estarei eu, porém, habilitado a corrigir-me? Que a igreja seja a minha amada e solicita mestra. Todavia, como poderá a igreja corrigir-me se não vier a conhecer-me? E como virá a conhecer-me se me não prova? Experimenta-me, e me conhecerás. Conhece-me, o poderás então disciplinar-me. Disciplinar-me, e certamente serei melhor.

II. EM QUE CONSISTE A PROVAÇÃO DO DIÁCONO

Vejamos em que consiste a provação do diácono. A fim de facilitar tão importante afeição, dividamo-la em quatro frases: provação espiritual, provação moral, provação social, e provação vocacional.

1. Provação espiritual

Apesar de o novo nascimento ser algo subjetivo e somente aferível por Deus, temos condições de, pelo menos, verificar se alguém é, ou não, convertido. Afinal, os frutos aí estão para evidenciar a maturidade cristã dos que se dizem filhos de Deus.

A recomendação é do próprio Cristo: “Por seus frutos os conhecereis. Porventura, colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?” (Mt 7.16). Levemos em consideração também a experiência pentecostal do candidato. O pretendente já recebeu a promessa do Espírito? Era esta uma das primeiras indagações que os primitivos cristãos faziam um dos outros. E não era diferente no início das Assembleias de Deus no Brasil. E por que seria agora?

2. Provação moral

Como é a vida particular do candidato? Cumpre ele os seus compromissos? Ou vive de golpe em golpe de mentira em mentira? Tem bom testemunho dos de fora, ou é um escândalo para o Evangelho de Cristo? Trata bem a esposa? Zela pela educação dos filhos? Ou é um

chefe de família relapso? Se não sabe cuidar dos seus, é pior do que os incrédulos, e já negou a fé (1 Tm 5.8). Como é o seu relacionamento com o sexo oposto? Tem contatos equívocos com outras mulheres? Sabe respeitar as jovens e as adolescentes? É alguém vigilante e probo? Podemos confiar-lhe os cuidados de uma filha?

Se não puder respeitar as crianças, nem na igreja pode ele ser admitido. Tudo isto precisamos avaliar antes de indicá-lo ao diaconato.

3. Provação social

Há que se constatar ainda se o candidato tem condições de conviver com o semelhante. Se não amar a este como a si mesmo, como haverá de servir a cada um de seus irmãos em particular, e à Igreja de Cristo como um todo? O diácono tem de ser alguém tratável, acessível e sempre presto a falar com o próximo. E se for um misantropo? Ou uma ilha? Como poderá fazer parte do continente? Já imaginou um diácono casmurro e todo encaramujado? Disse Aristóteles, certa vez, que o homem que consegue viver longe de seus semelhantes tem de ser ou Deus ou um animal. Pois o ser humano está sempre a reclamar a

presença de seus semelhantes. O que o filósofo quis deixar bem claro é que o homem é um ente social. Ele anseia por comunicar-se com o seu próximo. Aliás, o mesmo Deus, embora absoluto e infinito, optou por revelar-se às criaturas.

Ele almeja manter comunhão com os seus filhos. Através de Cristo, fez-se carne, e veio habitar entre nós. Por que seriamos diferentes de nosso Amado Pai que jamais deixou de se comunicar com os seus filhos?

4. Provação vocacional

Como haveremos de saber se alguém tem, ou não, vocação para o diaconato? Em primeiro lugar, afiramos os itens anteriores. Depois, comprovemos se o postulante tem iniciativa.

Executa ele prontamente o serviço de Deus? Ou é alguém que só faz o que lhe é mandado? Se assim for, não passa de um servo inútil; não serve para o diaconato. O bom diácono jamais será um servo inútil. Além do que lhe ordenam fazer, transcende ele todas as expectativas. Ele tem iniciativa! Sem iniciativa jamais preencherá os requisitos e as qualificações reivindicadas pela Palavra de

Deus. Mesmo não sendo diácono, está ele a auxiliar o pastor? Prontifica-se em tirar a oferta quando necessário? Zela pelo bom andamento do culto? Preocupa-se com os pobres e necessitados? É tratável? Se a todas essas perguntas tivermos uma resposta positiva, talvez estejamos diante de um Felipe. Só nos falta orar para que Deus confirme a nossa escolha.

III. A DISCRIÇÃO DA PROVAÇÃO DO DIÁCONO

O pastor prudente saberá como manter em sigilo a prova de seus futuros diáconos. Ninguém, além dele e de seus auxiliares mais diretos, há de tomar conhecimento desse sugestivo, mas difícil processo de escolha.

Isto significa que nem o próprio candidato deve saber de sua provação. Em segredo é provado, e em segredo há de ser aprovado. Provar os obreiros de Cristo não significa impingir-lhes nossas frustrações e caprichos.

Provar-lhes a vocação implica em observá-lo atentamente para aferir-lhes a qualidade do chamamento. Nada, portanto, de força-los a fazer coisas que jamais faríamos. Se observarmos a lei do amor, nada lhes mandaremos realizar que também não estejamos dispostos a executar.

Capítulo 4

OS DEVERES ECLESIÁSTICOS DO DIÁCONO

INTRODUÇÃO

Mostra-nos a historia do Cristianismo não terem sido poucos os diáconos que se destacaram nas lides e amanhos eclesiásticos. Não descure o diácono, portanto, de suas responsabilidades. Se antes os seus deveres circunscreviam-se à congregação, suas obrigações, agora, vão mais além. Manter-se-á ele atento, desde já as necessidades de seu pastor, às exigências do ministério e aos reclamos do credo e dos estatutos de sua igreja e denominação.

I. RESPONSABILIDADES DO DIÁCONO EM RELAÇÃO AO SEU PASTOR

É o diácono o auxiliar mais direto de que dispõe o pastor. Ou pelo menos deveria sê-lo. Na Igreja Primitiva, foram os diáconos constituídos justamente para que os apóstolos se mantivessem efeitos aos ofícios de seu ministério: a

oração e a palavra. Disso ciente, estará o diácono sempre vigilante quanto aos reclamos de seu pastor. Jamais permitirá venha este a negligenciar o espiritual a fim de envolver-se com o material. Pois quem deve lidar com o material é o diácono; pelo espiritual consumir-se-á o pastor. Como seria lamentável se viesse o pastor a deixar de lado o sermão de domingo por causa da bancada do templo que não foi alinhada, ou porque os elementos de Santa Ceia não foram ainda preparados! Que os diáconos se encarreguem dessas providências. E, que no momento da adoração, esteja o santuário devidamente arrumado. Infelizmente, estão os diáconos tão absolvidos em pregar, acham-se tão entretidos em disputar os primeiros lugares, que acabam por se esquecer de seu pastor. Não estou insinuando deva o diácono privar-se do púlpito. Se houver oportunidade, aproveite-a. Eu também fui diácono, e jamais deixei de ocupar a sagrada tribuna. Pregava e ministrava estudos bíblicos. Escola Dominical. Todavia, não me lembro de haver descurado uma vez sequer de minhas responsabilidades. Felipe e Estevão eram doutores a serviço dos santos. Diácono seja cuidadoso com o seu pastor. Propicie-lhe as necessárias condições

a fim de que possa ele dedicar-se às lides: orar pelo rebanho e alimentar os santos com a Palavra de Deus. Por que abandoná-lo às preocupações materiais do redil? Você foi separado para auxiliá-lo a conduzir o rebanho de Deus através dos campos sempre verdejantes. Pode haver trabalho mais glorioso?

II. RESPONSABILIDADE DO DIÁCONO EM RELAÇÃO AO MINISTÉRIO

Você já pertence ao ministério eclesiástico. Esteja, pois, em perfeita sintonia com os integrantes deste. Veja-os como companheiros de luta. Jamais intente uma carreira solo. Os obreiros de Deus somos vistos sempre em equipe. São os setenta que saem de dois em dois; os doze que se afainam e repousam ao lado do Senhor; os cento e vinte que, em perseverante oração,aguardam, no cenáculo, o pentecostes. E o que dizer de Paulo?

Embora o maior missionário, jamais deixou de ter os seus assistentes. Lendo-lhe as cartas, deparamo-nos de contínuo com os integrantes de sua operosa equipe. Os que se isolam, diz Salomão, estão a rebuscar os próprios interesses. Participe das reuniões de ministério. Inteire-se

dos assuntos tratados. Com humildade e sempre reconhecendo o seu lugar, opine, sugira, ofereça subsídios. Seja amigo de todos; de cada um em particular, um cooperador sempre querido. Não se ausente. Cultive aquele companheirismo tão próprio dos cristãos primitivos. Esteja atento às orientações de seu pastor. Agindo assim, você se surpreenderá com êxitos de seu ministério. Isolado, ninguém poderá crescer; em equipe, todo avanço é possível.

III. RESPONSABILIDADES DO DIÁCONO EM RELAÇÃO À HISTÓRIA E À DOUTRINA DA IGREJA

Os deveres do diácono não se limitam à sua igreja. Tem ele responsabilidade várias quanto à sua denominação. É imprescindível, pois, esteja afeito à identidade doutrinária, cultural e jurídica de sua entidade eclesiástica. Semelhante reclamos exigem não apenas assentimento intelectual, mas principalmente convicção vocacional.

1. O conhecimento da história e da cultura de sua igreja

Se o diácono não ligar importância ao passado de sua igreja, como se haverá diante do presente e do futuro

desta? Leia a biografia de seus fundadores. Você sabe como tudo começou? Quais as dificuldades iniciais de sua igreja? Quem foram os seus protomártires? A história do pentecostalismo, por exemplo, é mui emocionante. E você, diácono, faz parte desta igreja; conheça, então a sua história.

2. O conhecimento do credo

O credo é uma profissão de fé, onde se encerra os principais artigos doutrinários de uma igreja. Tem ele como base e fundamento a Bíblia Sagrada – a infalível Palavra de Deus. Tendo em vista a importância de nosso credo, deve o diácono tê-lo sempre em mente. Como seria vergonhoso se não soubesse expor as linhas mestras de sua crença! Lembremo-nos de Estevão. O valoroso diácono embeveceu a todos, no Sinédrio, com a sua erudição e sabedoria. A fim de que nossos diáconos familiarizem-se com os pontos centrais da fé pentecostal, transcreveremos, aqui o Credo das Assebleias de Deus no Brasil:

- Cremos em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29).
- Na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (2 Tm 3.14-17).
- Na concepção virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus (Is 7.14; Rm 8.34 e At 1.9).
- Na pecaminosidade do homem que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que pode restaurá-lo a Deus (Rm 3.23 e At 3.19).
- Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atualmente do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus (Jo 3.3-8).
- No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por

Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26 e Hb 7.25; 5.9).

- No batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma vez só em águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6 e Cl 2.12).
- Na necessidade e na possibilidade que temos de viver vida santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus no Calvário, através do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Cristo (Hb 9.14 e 1 Pd 1.15).
- No batismo bíblico no Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7).
- Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme a sua soberana vontade (1 Co 12.1-12).
- Na Segunda Vinda prémilenial de Cristo, em duas fases distintas. Primeira – invisível ao mundo, para arrebatar a sua Igreja fiel da terra, antes da Grande

Tribulação; Segunda – visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1 Ts 4.16,17; 1 Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5 e Jd v.14).

- Que todos os cristãos comparecerão ante o Tribunal de Cristo, para receber recompensa dos seus feitos em favor da causa de Cristo na terra (2 Co 5.10).
- No Juízo vindouro que recompensará os fiéis e condenará os infiéis (Ap 20.11-15).
- E na Eterna de gozo e felicidade para felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento para os infiéis (Mt 25.46).

3. O conhecimento da doutrina

A fim de que você se inteire das verdades pentecostais, transcreveremos a Declaração de Verdades Fundamentais aprovadas pelo Concílio Geral das Assembléias de Deus nos Estados Unidos em sete de outubro de 1916, cujo teor conta com o irrestrito apoio de nossa igreja no Brasil.

a) As Escrituras inspiradas

A Bíblia é a inspirada Palavra de Deus. Sendo a revelação de Deus ao homem, constitui-se ela na infalível regra de fé e conduta. É superior à consciência e à razão, mas não lhes é contrária (2 Tm 3.15; 1 Pe 2.2).

b) O Deus único e Verdadeiro

O Deus único e Verdadeiro revelou-se como o eternamente, auto-existente e auto-revelado *"Eu sou"*. Revelou-se ainda como aqEle que incorpora os princípios de relação e associação como Pai, Filho e Espírito Santo (Dt 6.4; Mc 12.29; Is 43.10,11; Mt 28.19).

c) O homem, sua queda e redenção

O homem foi criado bom e reto; pois Deus mesmo disse: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança". Mas o homem por transgressão voluntaria, caiu, e agora sua única esperança de redenção está em Jesus Cristo, o Filho de Deus (Gn 1.26-31; 3.1-7; Rm 5.12-21).

d) A salvação do homem

- **Condições da salvação**

A graça de Deus, que traz salvação a todos os homens, vem através da pregação do arrependimento para com Deus e da fé para com o Senhor Jesus Cristo. O homem, pois, é salvo mediante a lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo, derramado sobre ele ricamente através de Jesus Cristo, nosso Salvador. E, tendo sido justificado pela graça, através da fé, torna-se

ele herdeiro de Deus de acordo com a esperança da vida eterna (Rm 10.13-15; Lc 24.47; Tt 2.11; 3.5-7).

- **Evidências da Salvação**

Para o crente, evidência interior da salvação é o testemunho direto do Espírito (Rm 8.16). A evidência exterior constitui-se numa vida de retidão e verdadeira santidade (Lc 1.73-75; Tt 2.12-14), na presença do fruto do Espírito (Gl 5.22) e no amor fraternal (Jo 13.35; Hb 13.1; 1 Jo 3.14).

e) A promessa do Pai

Todos os filhos de Deus têm o direito, e deveriam ardentemente esperar e intensamente buscar, a promessa do Pai, que é o batismo no Espírito Santo e no fogo, de acordo com o mandamento de Nossa Senhor Jesus Cristo. Esta experiência era comum a todos os crentes na Igreja Primitiva. Com o batismo no Espírito, vem a dotação de poder para a vida e o serviço, a distribuição dos dons espirituais e seu uso no trabalho ministerial (Lc 24.49; At 4.8; 1 Co 12.1-31).

f) A plena consumação do batismo no Espírito Santo

A evidência inicial e física do batismo no Espírito Santo e no fogo é o falar em línguas, conforme o Espírito de Deus

conceder (At 2.4). Esta maravilhosa experiência é distinta e subseqüente a do novo nascimento (At 10.44-46; 11.14-16; 15.8,9).

g) Inteira santificação, o alvo de todos os crentes

As Escrituras exortam-nos a uma vida de santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor. Pelo poder do Espírito Santo, somos capazes de obedecer ao mandamento que diz: “Sede santos, por que sou santo”. A inteira santificação é a vontade de Deus para todos os crentes, e deve ser ansiosamente buscada para que andemos em obediência à Palavra de Deus (Hb 12.14; 1 Pe 1.15,16; 1 Ts 5.23,24; 1 Jo 2.6).

h) A Igreja é um organismo vivo

A Igreja é um organismo vivo; é um corpo vivo. Ela é o corpo de Cristo; a habitação de Deus por meio do Espírito. Sua tarefa primordial é cumprir a Grande Comissão. Cada assembléia local é parte integral da Assembléia Geral e Igreja dos primogênitos inscrita nos céus (Ef 1.22,23; 2.22; Hb 12.23).

i) O ministério e o evangelismo

Um ministério divinamente chamado e biblicamente ordenado, tendo em vista a evangelização do mundo, é o

mandamento do Senhor, bem como a principal preocupação da Igreja (Mc 16.15-20; Ef 4.11-13).

j) A Ceia do Senhor

A Ceia do Senhor, que consiste na distribuição do pão e do vinho, significa que já compartilhamos da natureza divina de Nosso Senhor Jesus Cristo (2 Pe 1.4). É um memorial de seus sofrimentos e de sua morte (1 Co 11.26), e uma profecia de sua segunda vinda (1 Co 11.26). A Ceia do Senhor foi ordenada a todos os crentes "até que ele venha".

l) Batismo em águas

A ordenança do batismo, simbolizando sepultamento de Cristo, deve ser observado, conforme recomenda as Escrituras, por todos quantos se arrependem de seus pecados e aceitam a Cristo como seu Salvador e Senhor. No batismo, tem o novo crente o corpo lavado em água pura como símbolo da purificação efetuada em seu interior pelo sangue de Cristo.

Dessa maneira, ele declara ao mundo que morreu com Cristo e também com Ele ressuscitou, para andar em novidade de vida (Mt 28.19; At 10.47,48; Rm 6.4; At 20.21; Hb 10.22).

m) Cura divina

O livramento das enfermidades é provido na expiação de Cristo, e é privilegio de todos os crentes (Is 53.4,5; Mt 8.16,17).

n) Os pontos essenciais da deidade

- **Termos explicados**

Os termos “trindade” e “pessoas”, no tocante à deidade, apesar de não serem encontrados nas Escrituras, são usados em harmonia com as Escrituras, mediante as quais podemos reafirmar e transmitir nossa compreensão imediata sobre a doutrina de Cristo em relação a Deus, em distinção aos “muitos deuses e muitos senhores”.

Portanto, podemos falar com propriedade de nosso Deus, o qual é o Senhor, como uma Trindade e como um ser que subsiste em três pessoas, e, ainda assim, sermos absolutamente bíblicos (Mt 2.6; 8.16,17; At 15.15-18).

- **Distinções e relações dentro da deidade**

Cristo ensinou a distinção entre as Pessoas na deidade, expressada por Ele em termos específicos de relações como Pai, Filho e Espírito Santo; e também ensinou que essa distinção e relação, quanto à sua existência, é um

fato eterno, mas quanto a seu modo de ser é inescrutável e incompreensível, por não poder ser explicado (noutras palavras: não se explica como pode haver três pessoas dentro da deidade, Lc 1.35; 1 Co 1.24; Mt 11.25-27; 28.19; 2 Co 13.14; 1 Jo 1.3,4).

- **Unidade do único ser do Pai, Filho e Espírito Santo**

De acordo com o exposto, há algo no Pai, e não no Filho; e há algo no Espírito Santo que o faz ser o Espirito Santo, e não o Pai ou o Filho. Assim sendo, o Pai é o Gerador; o Filho é o gerado; e o Espírito Santo é o que procede do Pai e do Filho. Como os três são pessoas eternamente distintas e relacionadas dentro da deidade, acham-se em estado de unidade: há um único Senhor Deus Todo-poderoso, e Seu nome é um só (Jo 1.18; 15.26; 17.11,21; Zc 14.9).

- **Identidade e cooperação na deidade**

O Pai, o Filho e o Espírito Santo nunca são idênticos quanto à pessoa; nem podem ser confundidos em suas relações; e nem ser divididos no tocante à deidade; e nem ainda estar em oposição quanto à cooperação. Quanto à

relação, o Filho está no Pai e o Pai está no Filho. O Pai não é o Filho, mas o Filho vem do Pai, quanto à autoridade.

O Espírito Santo vem do Pai e procede do Filho quanto à natureza, a relação, à cooperação e à autoridade. Portanto, nenhuma pessoa na deidade existe ou opera de forma separada ou independente das outras (Jo 5.17-30).

- **O Título, Senhor Jesus Cristo**

O apelativo “Senhor Jesus Cristo” é um nome próprio. Nunca é aplicado, no Novo Testamento, ao Pai ou ao Espírito Santo.

Portanto, pertence exclusivamente ao Filho de Deus (Rm 1.1-3,7; 2 Jo 3).

- **O Senhor Jesus Cristo, Deus conosco**

O Senhor Jesus Cristo, quanto à sua natureza divina e eterna, é o único Filho gerado do Pai ; mas, quanto à sua natureza humana, é o próprio Filho do Homem. Portanto, Ele é reconhecido como Deus e homem; o qual, por ser Deus e homem é o “Emanuel”, o Deus conosco (Mt 1.23; 1 Jo 4.2,10,14; Ap 1.13-17).

- **O Título, Filho de Deus**

Visto que o nome “Emanuel” abarca tanto a Deus quanto ao homem, numa única pessoa – nosso Senhor Jesus Cristo -, segue-se que o título “Filho de Deus” descreve sua deidade, ao passo que “Filho do Homem” descreve sua humanidade. Portanto, o título “Filho de Deus” pertence à ordem da eternidade, ao passo que o título “Filho do Homem” pertence à ordem temporal (Mt 1.23; 1 Jo 3.3; 2 Jo 3; Hb 7.3; 1.1-13).

- **Desvios da Doutrina de Cristo**

Por conseguinte, constitui-se num desvio à doutrina de Cristo afirmar que Jesus Cristo derivou-se do título “Filho de Deus”, ou de sua encarnação, ou ainda de seu relacionamento com o plano da redenção da humanidade. Logo, negar que o Pai seja real e eterno, e que o Filho seja real e eterno, equivale a anular a distinção e a relação no ser de Deus. Ou seja: a negação do Pai e do Filho, ignorando ao mesmo tempo o fato de Cristo ter vindo a este mundo em carne (2 Jo 9; Jo 1.1,2,14,18,29,49; 8.57,58; 1 Jo 2.22,23; 4.1-5; Hb 12.3,4).

- **Exaltação de Jesus Cristo como o Senhor**

O Filho de Deus, nosso Senhor Jesus Cristo, tendo por si mesmo expurgado os nossos pecados, sentou-se à mão direta da Majestade, nas alturas; e, agora, anjos e principados e poderes lhe estão sujeitos.

E, tendo sido feito tanto Senhor como Cristo, enviou o Espírito Santo para que nós, em seu nome, dobremos os joelhos e confessemos que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai, até que, na consumação de todas as coisas, o Filho tiver se sujeitado ao Pai para que o Pai seja tudo em todos (Hb 1.3; 1 Pe 3.22; At 2.32-36; Rm 14.11; 1 Co 15.24-28).

- **Honra igual ao Pai e ao Filho**

Visto que o Pai entregou todo o julgamento ao Filho, constitui-nos indivisível alegria, no Espírito Santo, atribuir ao Filho todos os atributos da deidade, e tributar-lhe toda a honra e toda a glória contidas em todos os nomes e títulos da deidade, executando os que expressam relações e servem para identificar o Pai e o Espírito Santo (ver os parágrafos b, c e d).

E, assim, honraremos o Filho tanto quanto honramos o Pai (Jo 5.22,23; 1 Pe 1.8; Ap 5.6-14; Fp 2.9,8; Ap 7.9,10; 4.8-11).

o) A bendita esperança

A ressurreição dos que dormiram em Cristo, e o arrebatamento dos crentes que estiverem vivos; enfim: a transladação da verdade Igreja, constitui-se na bendita esperança de todos os crentes (1 Ts 4.16,17; Rm 8.23 e Tt 2.13).

p) A vinda iminente e o reino milenial de Jesus

A vinda premilenial e iminente do Senhor Jesus para recolher o seu povo a si mesmo, e julgar o mundo em retidão, bem como reinar sobre a terra por mil anos, é a expectação da verdadeira Igreja de Cristo.

q) O lago do fogo

O diabo e seus anjos, a besta e o falso profeta, e todo aquele cujo nome não for achado no Livro da Vida, bem como os tímidos e os incrédulos, os abomináveis, os assassinos, os adúlteros e fornicarios, os feiticeiros, os idólatras e todos os que praticam e amam a mentira,

serão lançados no lago que arde com fogo e enxofre. Esta é a segunda morte.

r) Os novos céus e a nova terra

Esperamos novos céus e a nova terra, nos quais habita a justiça (2 Pe 3.13; Ap 21 e 22).

Conclusão

Roguemos ao Senhor da seara venha ungir cada diácono, a fim de que este jamais venha a descurar-se de suas obrigações eclesiásticas. Estes são tão importantes quanto as qualificações espirituais. Se o diácono não souber como funciona a sua igreja, se ignora os seus estatutos, se desconhecer a sua orientação financeira, se não inteirar-se suas implicações jurídicas, se não tiver suficientes argumentos para defender a doutrina e justificar a visão cultural de sua denominação, o seu trabalho será mui deficiente. Deve ele também conscientizar-se de que o seu ministério não é uma carreira solo; foi ele separado para auxiliar o seu pastor, e permitir a este que se dedique à oração e à exposição da palavra. Enquanto o pastor estiver afadigando-se em suas lides, manter-se-á o diácono a cuidar das necessidades

materiais do rebanho. E nem por isso será o seu ofício menos nobre. Pelo contrário: os apóstolos consideraram-no um importante negócio.

Capítulo 5

A IGREJA E O TRABALHO FEMININO

INTRODUÇÃO

Uma das grandes conquistas do Cristianismo foi resgatar a mulher e elevá-la à sua verdadeira condição diante de Deus. Vê-se este propósito, inicialmente, na própria linhagem de Cristo (Mt 1.3,5,6,16). Mateus na sua genealogia refere-se aos ancestrais somente pelo lado paterno, mas de inicio dá destaque a quatro mulheres – Tamar, Raabe, Bate-Seba e Maria.

No entanto, ainda pouco explorado em determinadas áreas do movimento evangélico, provavelmente em virtude de alguns preconceitos contra o trabalho feminino na igreja. É compreensível – mas não aceitável – que os condicionamentos culturais da sociedade tenham favorecido posturas discriminatórias contra a participação da mulher nas atividades eclesiásticas.

Como já foi dito o Cristianismo resgatou a mulher e a elevou à sua verdadeira condição diante de Deus. Na

Igreja Primitiva, ela ocupou o seu espaço e teve o seu trabalho reconhecido. Cabe à Igreja, hoje, compreender que a dedicação feminina na obra do Senhor não é menos importante do que o trabalho empreendido pelos homens.

I. O DIACONATO FEMININO

No grego o termo *diakonon,* é a mesmo tanto para indicar os homens ou as mulheres que ocupam esse ministério de ação (contrastando com os ministérios da palavra: apóstolos, profetas, evangelistas e mestres; Ef 4.11). É possível que o termo indique apenas uma **auxiliar do sexo,** sem qualquer intuito de indicar um ofício ou ministério. Mas outros estudiosos pensam que está em foco uma verdadeira posição ministerial feminina. A história primitiva dessa posição, e como as diaconisas se relacionavam a outros grupos distintos, é obscuro. As referências bíblicas são: Rm 16.1; 1 Tm 3.11; 5.9. ver também a epístola de Plínio 10.97.

1. A posição da mulher na Igreja Primitiva

Com a ascensão de Cristo, inicia-se o processo de inauguração da Igreja, que culminou no dia de

Pentecostes, e mais uma vez as mulheres são participantes desde a primeira hora, incluindo-se no grupo a mãe de Jesus (At 1.14). Subtende-se que elas viram o Senhor subir ao céu, participaram da assembléia que escolheu o sucessor de Judas e estavam presentes no dia em que o Espírito Santo desceu sobre a Igreja. Se foi assim desde o princípio, por que negar-lhe, hoje, o direito de serem usadas pelo Senhor no papel que lhes couber dentro do Reino de Deus? Não se trata aqui de substituir o homem em sua função dentro da estrutura social, familiar e religiosa, mas permitir que a mulher preste a sua efetiva contribuição, como individuo, na obra de Deus.

2. Envolvida no serviço assistencial

As mulheres se destacaram também na Igreja Primitiva, pelo seu envolvimento no serviço de assistência social. A primeira a ser mencionada é Dorcas (At 9.36-42), que, movida pelo amor de Deus, empregou sua vida a servir ao próximo, na cidade de Jope, com atos de caridade.

É tanto que sua morte trouxe grande tristeza a ponto de Pedro ser chamado para orar em favor de sua ressurreição. Um fato chama a atenção na história: ela é

também chamada discípula (At 9.36). Varias mulheres cristãs primitivas atuavam entre os enfermos e os pobres. É possível que elas batizassem mulheres, o que, pelo menos em alguns lugares, era considerado um ato impróprio para os homens. Devemo-nos lembrar que havia uma rígida separação dos sexos, nos dias bíblicos, que as mulheres tinham muito menor liberdade e pouco contato com a sociedade em geral.

Paulo menciona Febe como uma diaconisa, como já falamos, no grego, o termo empregado para servir é *diakonon,* que implica em afirmar, sem nenhuma sombra de dúvida, que ela exercia uma perfeita diaconia. No original o referido termo em Rm 16.1 está na forma masculina e sem artigo definido. E talvez também Trifena, Trifosa e Persis, às quais ele louva, por seus labores em prol do evangelho. Elas eram mestras de mulheres e crianças.

II. QUALIFICAÇÕES DA DIACONISA

As diaconisas precisavam exibir as mesmas qualificações que os anciãos e os diáconos, a saber, piedade, discrição e boa reputação. Podemos estar certos de que os

requisitos de uma mulher piedosa aparecem em 1 Tm 3.11, (onde a palavra “diaconisa” não é usada), caso ela almejasse torna-se uma diaconisa. Elas precisavam ser sérias (não dadas a qualquer tipo de frivolidade), não podiam ser caluniadoras, tinham de ser temperadas (praticando a moderação em todos os seus hábitos, livres de vícios), e fiéis. É provável que as primeiras diaconisas tenham sido esposas dos ministros das igrejas. Se, posteriormente, tornou-se usual que as diaconisas tinham de manter-se solteiras, isso não ocorreu no começo.

Alguns interpretes, entretanto, supõem que as esposas dos ministros, em 1 Tm 3.11, não eram diaconisas oficiais. Porém, é possível que esse ofício tivesse raízes no trabalho daquelas mulheres casadas. Mas também é possível que algumas das virgens e viúvas, referidas em 1 Tm 5.3-16 e 1 Co 7.8, também fossem diaconisas. Esse ponto, também é obscuro.

III. A ORDENANÇA E O DESENVOLVIMENTO DO OFÍCIO

Outro ponto que tem sido bastante disputado. As diaconisas eram recebidas no ofício conforme sucedia

aos anciãos e diáconos, isto é, mediante a imposição de mãos, unção, etc.? Parece haver provas de que elas passavam por uma espécie de ordenação; mas esse é um outro ponto obscuro. A história posterior desse ofício já é bem mais clara, e sobre isso já podemos falar em termos mais definidos. Pelos fins do século III D.C., já havia uma ordem bem definida das diaconisas, um ofício formal. Epifânio (315-403 D.C.), fala em termos seguros: “Embora exista uma ordem de diaconisas na Igreja, elas não atuam em serviços sacerdotais, nem fazem qualquer coisa dessa categoria. Antes, devido à modéstia do sexo feminino, elas ajudam por ocasião do batismo, ou na inspeção de casos de enfermidades, ou de sofrimentos, e quando o corpo de alguma mulher tem que ser exposto, para que não seja visto pelos homens oficiantes. Este só é visto pelas diaconisas, que é dirigida pelo sacerdote para examinar a mulher, quando seu corpo é despido” (Adv. Haer. 3.2,79). Também sabemos que esse ofício das diaconisas tornou-se mais formalizado, - ao ponto delas não terem permissão de casar-se. Na Igreja oriental, o ofício prosseguiu existindo até o século XII. Era ocupado pelas viúvas dos ministros, ou pelas esposas dos bispos;

mas, neste último caso, tinham de abandonar sua condição de casadas.

No Oriente, a partir do século VIII D.C., o ofício das diaconisas começou a desaparecer. No Ocidente, onde o ofício sempre foi menos proeminente, não há qualquer menção a diaconisas depois do século XI D.C. Sabemos que Crisóstomo (falecido em 407 D.C.), contava com a ajuda de quarenta diaconisas e oitenta diáconos.

Após o seu tempo, o ofício das diaconisas entrou em eclipse e finalmente, foi substituído pelo ofício das freiras enclausuradas, que se ocupavam do trabalho antes feito pelas diaconisas, além de fazerem muitas outras coisas. O ofício dos diáconos, por sua vez, tornou-se uma ordem ministerial, dentro da hierarquia da Igreja ocidental.

Entretanto, certas funções foram retidas, não realizadas por freiras, que se aproximavam mais das funções das diaconisas, em algumas áreas. Vicente de Paula (1576-1660), formou uma associação de mulheres, não-enclausuradas, que ministrava aos pobres e aos enfermos. Essas mulheres tornaram-se conhecidas pelo nome de *irmãs de caridade.*

1. O reavivamento desse ofício no protestantismo moderno

No protestantismo moderno houve um reavivamento desse ofício, que podemos fazer retroceder até 1836. O pastor Theodor Fliedner, em Kaiserwerth, na Alemanha, estabeleceu um instituto para treinar mulheres que se ocupassem em obras de misericórdia.

Essa instituição cresceu e por volta de 1940, havia cerca de cinquenta mil diaconisas luteranas na Alemanha, na Holanda, na Escandinávia, na Suíça e nos Estados Unidos da América.

Pelo menos três outras organizações similares foram instituídas, e a idéia tornou-se popular entre os anglicanos, os metodistas e os presbiterianos.

Escolas, orfanatos, hospitais e instituições de atendimento social de todas as variedades têm serviço de cena da atividade dessas mulheres. Entre os anglicanos, as diaconisas são ordenadas por toda a vida, mediante a imposição de mãos.

IV. A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO FEMININO NA IGREJA

O trabalho das mulheres, desde o início da Igreja, sempre foi de máxima importância. Existe algo mais sensível nas mulheres, como classe, no campo da espiritualidade. O ofício da *diaconisa* oficializa e organiza o serviço da mulher em favor da Igreja e da comunidade.

1. A Bíblia respalda o trabalho feminino

Como se vê, a Bíblia respalda o trabalho feminino na igreja. Os que apelam para 1 Co 14.34 – "as mulheres estejam caladas nas igrejas" – fazem uma hermenêutica errada e isolada do texto, que contraria a atitude do apóstolo em reconhecer a dedicação feminina, bem como conflita com o cap. 11.5, onde ele admite que elas orem ou profetizem.

Segundo Donald Stamps, na Bíblia de Estudo Pentecostal, "o v.34 pode ser interpretado pelo v.35, i.e; a proibição das mulheres interromperem o culto com perguntas que podiam ser feitas em casa".

2. A igreja necessita do trabalho feminino

Além das razões bíblicas já apresentadas, há outras que reforçam a tese em favor do trabalho feminino na igreja. Em primeiro lugar, foge à lógica pensar que um segmento tão grande, maior do que o dos homens, não tenha nenhuma contribuição a prestar na obra de Deus.

Em segundo lugar, as mulheres têm maior sensibilidade para atuar em áreas nas quais o sexo masculino pouco produz. Em terceiro lugar, nem sempre os homens se mostram dispostos a agir. Nessas horas, elas se revelam mais corajosas e se constituem em fonte de estímulo na igreja. Em quarto lugar, sem nenhum subterfúgio, quando eles não querem mesmo fazer, são elas as quem Deus usará para levar adiante o seu propósito.

Quando o regime comunista se instalou na China, muitos missionários e pastores foram mortos. Por muito tempo pensou-se no mundo ocidental que a igreja chinesa, em razão disso, teria fracassado. Todavia, descobriu-se mais tarde que ela estava mais forte do que nunca. O motivo residia em suas esposas que não se acovardaram, mas deram continuidade ao trabalho de seus maridos.

Conclusão

O Cristianismo resgatou a mulher e a elevou à sua verdadeira condição diante de Deus. Na Igreja Primitiva, ela ocupou o seu espaço e teve o seu trabalho reconhecido. Cabe à igreja, hoje, compreender que a dedicação feminina na obra de Deus não é menos importante do que o trabalho empreendimento pelos homens.

Capítulo 6

O DIÁCONO COMO FILANTROPO

INTRODUÇÃO

Disse um teólogo, certa vez, que não podemos falar do pão que é descido do céu, enquanto ao nosso lado desmaia o semelhante pelo pão que brota da terra. Quem há de rebater tal verdade? Conquanto sejamos contrários ao evangelho meramente social e político, não podemos descurar de nossas responsabilidades filantrópicas.

Em todas as nossas lides eclesiásticas, ecoar-nos-á sempre aos ouvidos o mandamento do Mestre: “Daí-lhes vós de comer” (Mc 6.37). Foi para atender aos necessitados que a Igreja Primitiva, inspirada pelo Espírito Santo, instituiu o diaconato.

Os apóstolos bem sabiam, que, se por um lado não podiam desmazelar-se quanto à oração e à palavra, por outro não deveriam ignorar o clamor dos necessitados. Ergue-se, pois, o diácono como filantropomor da Igreja Cristã.

I. O QUE É A FILANTROPIA CRISTÃ

A palavra filantropia vem de dois vocábulos gregos: *philia,* amor, e *antropos,* homem. Filantropia, pois, é o amor que demonstramos ao ser humano como nosso próximo, posto ter sido este também criado à imagem e a semelhança de Deus.

A filantropia cristã, em virtude de seu arcabouço doutrinário, vai muito além desse conceito. Conhecida de maneira genérica como a assistência social, é o amor que se consagra, em palavras e atos de misericórdia, à comunidade dos fiéis, visando suprir as carências mais imediatas e básicas de seus membros. Ela faz com que todos os irmãos na fé tenham uns pelos outros um amor superior ao do Antigo Testamento.

Aqui, eram os judeus exortados a amarem o próximo como a si mesmo (Lv 19.18). No Testamento Novo, somos instados a amar-nos como Cristo nos tem amado: “O meu mandamento é este: “Que vos amei uns aos outros, assim como eu vos amei” (Jo 15.12). Em virtude de sua emergência, visa a filantropia cristã o atendimento prioritário dos fiéis: “Então, enquanto temos tempo,

façamos o bem a todos, mas principalmente aos domésticos na fé (Gl 6.10). Isto não significa, porém, que vai a Igreja cerrar as mãos aos de fora. Pelo contrário: as maiores organizações filantrópicas do mundo são cristãs. Haja vista a Cruz Vermelha Internacional e o Exército de Salvação. E os hospitais, orfanatos e asilos estabelecidos pelos missionários em todos os continentes? Em países notoriamente contrários ao Cristianismo, ali estão as escolas e as instituições de caridade mantidas pelas missões cristãs. O que o apóstolo Paulo recomenda, nessa passagem, é a ajuda prioritária aos domésticos da fé por serem estes os nossos próximos mais imediatos. Ora, se não ligarmos importância a eles, como haveremos de preocupar-nos com os que estão longe?

É uma questão de prioridade e urgência perfeitamente compreensível. Deve o diácono estar bem consciente quanto a esse aspecto de seu ministério por ter sido ele ordenado a fim de suprir as privações dos órfãos, das viúvas e dos demais necessitados que se acham no meio do povo de Deus. Cumprindo esse requisito de seu ofício, todo o seu desempenho será coroado de êxito.

II. AS BASES BÍBLICAS DA FILANTROPIA

A Bíblia, além de ser o mais piedoso dos livros, é também a mais filantrópica das obras. Os profetas de Jeová e os apóstolos do Cristo devotaram consideráveis porções das Escrituras aos cuidados que devemos santificar aos mais necessitados.

Se o judeu não fosse magnânimo com o pobre, se não lhe desse o que comer nem o que vestir, jamais poderia ser considerado servo do Deus de Israel. Pois o Bondoso Pai demandava a beneficência de todos os seus filhos.

1. A filantropia no Antigo Testamento

A Lei de Moisés proibia a pratica da usura contra os desvalidos (Êx 22.25). As novidades da terra eram de tal forma colhidas que jamais deixaram de beneficiar ao pobre e ao estrangeiro (Lv 23.22). Exigia também o Senhor fossem os israelitas sensíveis ao clamor do pobre (Dt 15.7). Uma das ênfases do profetismo hebreu foi o cuidado a ser dispensado aos mais carentes (Am 5.11). Foi justamente por não ministrar os devidos cuidados aos seus pobres que a primeira comunidade hebréia viu-se expulsa por Deus da terra onde manava leite e mel.

2. A filantropia no Novo Testamento

Tanto o Senhor quanto seus apóstolos muito se preocuparam com os mais necessitados. Jesus procurou emprestar um cuidado essencialmente escatológico aos pobres, e com estes identificou-se:

“Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; porque tive fome, te destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me. Então, os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E, quando te vimos estrangeiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E, quando te vimos enfermo ou na prisão e fomos ver-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes. Então, dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o

diabo e seus anjos; porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; sendo estrangeiro, não me recolhestes; estando nu, não me vestistes; e estando enfermo e na prisão, não me visitastes. Então, eles também lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, ou com sede, ou estrangeiro, ou nu, ou enfermo, ou na prisão e não te servimos? Então, lhes responderá, dizendo: Em verdade vos digo que, quando a um destes pequeninos o não fizestes, não o fizestes a mim. (Mt 25.34-45).

O apóstolo Paulo jamais descurou dos necessitados. Em suas viagens missionárias, empenhava-se ele por ajudar os pobres de Jerusalém: “Porque pareceu bem à Macedônia e à Acaia fazerem uma coleta para os pobres dentre os santos que estão em Jerusalém” (Rm 15.26).

Aos coríntios, que se vinham mostrando desleixados quanto a este mister, sua exortação não permite contemplações: “Ora, quanto à coleta que se faz para os santos, fazei vós também o mesmo que ordenei às igrejas da Galácia” (1 Co 16.1). Em sua epístola, Tiago condena o preconceito em relação aos pobres: “Meus irmãos, não

tenhais a fé de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas. Porque, se no vosso ajuntamento entrar algum homem com anel de ouro no dedo, com vestes preciosas, e entrar também algum pobre com sórdida vestimenta, e atentardes para o que traz a veste preciosa e lhe disserdes: Assenta-te tu aqui, num lugar de honra, e disserdes ao pobre: Tu, fica aí em pé ou assenta-te abaixo do meu estrado, porventura não fizestes distinção dentro de vós mesmos e não vos fizestes juízes de maus pensamentos? Ouvi, meus amados irmãos. Porventura, não escolheu Deus aos pobres deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam? Mas vós desonrastes o pobre. Porventura, não vos oprimem os ricos e não vos arrastam aos tribunais?" (Tg 2.1-6).

III. O DIÁCONO COMO PROMOTOR DA FILANTROPIA CRISTÃ

Embora sejam os diáconos destacados para os mais diversos misteres, não podemos jamais esquecer-nos da finalidade primacial de sua missão: promover e manter a filantropia cristã. Em quase todas as igrejas, ei-los como

porteiros e introdutores, zeladores como assistentes sociais. Este serviço vem sendo exercido pelas abnegadas integrantes do Circulo de Oração e da União Feminina. Chegou o momento de voltarmos às origens desse ministério, e preparar melhor os nossos diáconos a fim de que atuem como filantropos e benfeitores de nossas igrejas. O diácono somente haverá de exercer plenamente o seu ministério se tiver um aprofundado conhecimento da realidade social que o cerca. Haja vista os sete primeiros diáconos. Dos requisitos apontados em Atos capítulo seis, inferimos terem sido eles homens bem inseridos em sua comunidade. Isto significa que o diácono tem de ser um sociólogo prático. Apesar de não conhecer as diversas teorias aceca da sociedade, tem ele a obrigação de interpretar corretamente suas realidades. Aliás, essa também é a obrigação do pastor. Se este for bem entranhado em sua comunidade, certamente terá mais condições de treinar e formar os seus diáconos. De que maneira poderá o diácono conhecer experimentalmente a comunidade dos fiéis? Nesta pergunta, não vai nenhum segredo; este conhecimento exige convivência: amizade, visitações, perspicácia,

observações sempre atentas. À medida que o diácono for inserindo-se em sua jurisdição eclesiástica, irá inteirando-se ele automaticamente das dificuldades e carências desta. Por isso, busque interessar-se pelos que sofrem. Seja amigo dos desvalidos! É assim que nascem não apenas os maiores sociólogos, mas principalmente os grandes filantropos de Deus. Se você se dispuser a visitar as favelas e mocambos, palafitas e aldeias, o seu diaconato haverá de aflorar de maneira surpreendente. Estes são os lugares que o Senhor visitaria estivesse Ele ainda na terra.

IV. COMO DESENVOLVER A FILANTROPIA CRISTÃ

Na maioria de nossas igrejas, a filantropia acha-se tristemente limitadas à campanhas do quilo observado logo após a celebração da Ceia. Por causa da rotina a que vêm sendo submetida, essa iniciativa já não surte os resultados esperados. Quando muito, consegue-se aprontar umas poucas cestas básicas. E quase sempre deixa-se de lado outras necessidades igualmente inadiáveis: saúde, educação, vestuário etc. Deixaremos aqui algumas sugestões que poderão ser consideradas

pelos diáconos. São sugestões simples, mas creio eficazes, pois ao longo de meu ministério pude utilizá-las com êxito.

1. Momento de dedicação

É a ocasião solene em que os santos trazem para o altar seus haveres. Pode-se dedicar tanto gêneros alimentícios quanto dinheiro. A fim de que este empreendimento tenha êxito é mister seja bem divulgado. No domingo anterior, os diáconos, com a permissão de seu pastor, relembrarão a igreja de seu compromisso. Se possível, distribuir-se-á entre os presentes um cartão, indicando o gênero a ser trazido. Dessa forma, há de se evitar que tenhamos alguns gêneros em demasia, e outros em quantidades irrisórias. No dia aprazado, geralmente após a Santa Ceia, os presentes, em atitude de adoração, encaminhar-se-ão para o altar. E, aqui, depositarão a sua oferta. Os resultados hão de surpreender sempre. Experimente!

2. Campanha do agasalho

No mês que antecede o inverno, recolha roupas e cobertores. Distribua-os aos mais necessitados. Não se esqueça, porém, da lavagem e do conserto das roupas

para que estas tenham um aspecto agradável. Busque o auxílio da União Feminina. É uma parceria que dá resultados.

3. Campanha do material escolar

Arrecade junto a igreja, no mês que antecede o inicio das aulas, material escolar. Depois, reparta-o entre os alunos mais carentes.

4. Campanha missionária

Inteire-se das dificuldades que os missionários enfrentam no campo. Em seguida, fale com o seu pastor, e deflagre uma campanha a fim de dar o suporte necessário àqueles que se dedicam à evangelização transcultural.

5. Promoção de empregos

Busque manter um bom relacionamento com os empresários de sua cidade a fim de providenciar colocações aos desempregados. Organize um arquivo com os nomes dos desempregados, e outro com as vagas oferecidas.

Essa iniciativa, conforme você haverá de constatar, dará excelentes resultados.

Conclusão

Enfim, você tem muito a fazer na obra de Deus como diácono, trabalhe em sintonia com o seu pastor. O trabalho em equipe sempre surte grandes resultados. Se você desempenhar bem o seu diaconato, estará permitindo ao seu pastor que se dedique inteiramente ao ministério da Palavra, à oração e ao integral pastoreio das almas. E o Senhor Jesus em tudo será glorificado.

Capítulo 7

COMO SERVIR A SANTA CEIA

INTRODUÇÃO

Fui visitar a igreja de um amigo meu, certa vez, e fiquei admirado pela forma com que celebrava ele a Santa Ceia. O ato revestiu-se de tanta solenidade e reverência, que durante toda aquela celebração não observei qualquer falha. Tudo era dirigido com simetria e perfeição. Não se tratava de nenhuma catedral. Era uma igreja simples e humilde de um daqueles bairros afastados e quase esquecidos da Baixada Fluminense. Mas, naquela manhã, o pequeno santuário parecia majestoso e belo! Terminada a cerimônia, fui cumprimentar o pastor Ednaldo dos Santos: “Parabéns, irmão! Que cerimônia bonita! Jamais assisti a uma celebração como esta”. Devo reconhecer também: a cerimônia só alcançou semelhante brilho em virtude da prontidão de cada um dos diáconos daquela igreja. Estou ainda por ver diáconos tão prontos e solícitos, tão atentos e eficazes. Se o celebrante brilhou

aquele dia é porque os diáconos direcionavam-lhe os holofotes de seu serviço. Tendo em vista o caráter soleníssimo da Santa Ceia, estejam, pois, os diáconos adequada e covenientemente preparados para servi-la.

I. O QUE É SANTA CEIA

É a Santa Ceia a cerimônia mais solene da Igreja. Durante a sua celebração, relembramos as duas principais doutrinas do Novo Testamento: a encarnação e a morte vicária do Senhor Jesus. Ato contínuo, somos alertados quanto à proximidade da volta do Senhor.

A Santa Ceia, pois, é tanto um memorial quanto uma profecia. Dos sofrimentos e morte de Cristo, um memorial (1 Co 11.26); de sua segunda vinda, uma vivida profecia (1 Co 11.26).

É uma ordenança que todos devemos observar “até que ele venha”. Consistindo na distribuição do pão e do vinho, a Ceia do Senhor evidencia-nos já sermos nós participantes da natureza divina do Redentor (2 Pe 1.4). É por isso que a Santa Ceia é conhecida ainda como a comunhão; é a comunhão entre o crente e o Senhor Jesus, e entre o crente e a sua congregação.

II. MANTENDO A SOLENIDADE DA SANTA CEIA

Do capítulo 11 da Epístola de Paulo aos Coríntios, depreende-se que a igreja localizada nessa importante cidade grega, quase nenhuma importância emprestava à Ceia do Senhor. Pois quando os irmãos se reuniam a fim de participarem do pão e do cálice, faziam-no para a própria condenação. Enquanto empanzinam-se uns e até se embriagavam, outros passavam fome. O que deveria ser uma festa espiritual, degenerara-se; não passava agora de um ajuntamento tonificado pela carnalidade. Diante de tais abusos, vemo-nos constrangidos a perguntar: Não havia diáconos em Corinto? Se os havia, eram bem orientados pelos pastores? Isto porque, todo diácono bem orientado tem como princípio zelar pelo caráter solene da Santa Ceia a fim de que esta não perca a sua finalidade: manter a comunhão entre o crente e o Senhor, e entre o crente e a Igreja.

III. CUIDADOS QUE DEVE TER O DIÁCONO DURANTE A CELEBRAÇÃO DA CEIA

Sendo a Santa Ceia a mais solene reunião da Igreja, deve o diácono atentar às seguintes recomendações:

1. Observe antes de mais nada, se o templo está limpo, e os bancos, alinhados. Qualquer modificação no arranjo do mobiliário deve ser feita antes do início da Ceia.

2. Certifique-se de que a mesa da Santa Ceia esteja devidamente preparada.

3. Verifique se os elementos – o pão e o suco de uva – foram providenciados. Não os deixe faltar.

Procure saber com antecedência se, no dia da Ceia, haverá alguma igreja visitante. Em caso positivo: faça uma provisão extra.

4. Constate se as vasilhas estão limpas.

5. Antes da celebração da Ceia, busque saber, junto ao seu pastor, se há alguma recomendação especial.

6. Se você for o chefe dos diáconos, reúna-se com os seus pares, e transmita-lhes as últimas instruções. Lembre-se: o diaconato é um trabalho de equipe. Requer-se, pois, de cada diácono, entrosamento, disciplina e espírito de cooperação.

7. Assegure-se de que toda a igreja esteja devidamente acomodada.

8. Não permita que as crianças circulem no santuário. Mantenha-as num lugar seguro, arejado e tranquilo. E que sejam vigiadas por um adulto responsável.

9. Esteja certo de que, durante o ato, nenhum estranho imiscua-se no templo. Tratando-se de visitantes de outras igrejas e denominações. Identifique-os para que eles também usufruam da comunhão.

No que tange aos incrédulos, que estes sejam alertados quanto à exclusividade da cerimônia. Não é recomendável a permanência de pessoas com trajes indecorosos durante a celebração da Ceia do Senhor. De forma cortês, mas firme, explique-lhes as normas observadas no lugar.

10. Dê toda a assistência ao celebrante a fim de que este, no transcorrer do ato, não venha a sentir-se isolado ou estressado. Esteja sempre atento; ao menor sinal de seu pastor, ou do celebrante, apresente-se.

11. Conscientize-se de sua responsabilidade. Você verá que, com a sua ajuda e prontidão, a Santa Ceia alcançará seu principal objetivo: edificar o povo de Deus e guindá-lo às regiões celestiais.

IV. O CUIDADO COM A VESTIMENTA E O ASSEIO PESSOAL DO DIÁCONO

Durante a Santa Ceia, estará o diácono envergando uma roupa sóbria e que reflita a sua condição de oficial da igreja e auxiliar direto do pastor.

Evitar-se-á as cores fortes e espalhafatosas. Que nada desvie a atenção dos presentes; que todos se concentrem na sacralidade da celebração. Não é necessário dizer que a roupa do diácono haverá de estar impecavelmente limpa e passada. Recomenda-se que, durante o partir do pão estejam os diáconos com os paletós fechados a fim de que suas gravatas não toquem os elementos da Santa Ceia. Se não estiverem de paletó, que usem um prendedor adequado.

Evitar-se-á também que a gravata fique roçando as pessoas. Não nos esquecemos de que a rainha de Sabá louvou a Deus pela forma como os servos de Salomão se haviam na Casa do Senhor. Que o diácono também esteja também atento para o asseio pessoal durante a celebração da Ceia do Senhor. Embora não estejamos no Antigo Testamento, faríamos bem se atentássemos o

cuidado que tinham os levitas com o próprio corpo. Observemos, pois, estas recomendações:

1. Não somente os diáconos, mas os crentes de uma forma geral, deveríamos, sempre que formos à casa de Deus, tomar banho e arrumar-nos com esmero. Afinal, estaremos dirigindo-nos ao lugar mais importante desta terra.

2. Mantenha as unhas sempre cortadas e limpas. Lembre-se: estará você a manusear os elementos da Ceia. A higiene das mãos, pois, é um requisito indispensável. Não as perfume; pode impregnar as vasilhas e os elementos a serem distribuídos.

3. Evite desodorantes e fragrâncias fortes. Certamente levará muitas pessoas a terem reação alérgica.

4. Esteja sempre barbeado. Doutra forma: dará a impressão de estar sem banho.

5. Se estiver resfriado, não sirva a Ceia.

Observemos todos esses cuidados. Seja um exemplo também no asseio pessoal, principalmente quando estiver assistindo à mais solene das reuniões da Igreja.

V. A PREPARAÇÃO DOS ELEMENTOS E SUA DISTRIBUIÇÃO

Tem o diácono a responsabilidade de preparar com antecedência os elementos da Santa Ceia: o pão e o suco de uva. Nada mais desagradável chegar à hora da Ceia, e verificar que os elementos não foram ainda providenciados.

Em algumas igrejas, o pão é confeccionado pelas irmãs. Nesse caso, entre em contato com estas. E certifique-se de que esteja tudo em ordem. O suco de uva deve ser novo; nada de utilizar o que restou da ceia passada. Verifique sempre a validade dos produtos a serem utilizados. Já com as mãos devidamente lavadas, aproximar-se-á o diácono do púlpito, ou da mesa da Santa Ceia, receberá do pastor a bandeja com o pão.

Nas igrejas onde são necessários vários diáconos para distribuir o primeiro elemento da Ceia, recomenda-se que o responsável dos diáconos indique aos seus pares onde devem estes distribuir o pão.

Evitar-se-á assim que, numa fileira de bancos, haja diáconos em demasia, e noutra, falta. Eis alguns cuidados

que devemos observar na distribuição dos elementos da Ceia:

1. Já de posse da bandeja de pão, evite cantar em cima dos elementos por razões óbvias.

2. Aproximando-se de alguém para servir o pão, recite-lhe, de forma solene: “Em memoria do corpo do Senhor”.

3. Havendo três ou quatro pedaços de pão na bandeja, volte ao púlpito, ou à mesa da Ceia, e pegue mais do elemento.

Em seguida, retome a distribuição a partir do ponto interrompido. Se por acaso alguém deixar o pão cair, pegue-o num guardanapo, leve-o de volta à mesa da Ceia e entregue-o ao celebrante.

4. O que acima dissemos sobre a distribuição, também vale quanto ao cálice. Neste cálice especifico, deve-se tomar especial cuidado para que a bandeja do cálice não entone. Mas se isso acontecer, e o suco cair no chão, absorva-o num guardanapo.

5. Se a sua igreja utiliza-se do chamado cálice único, não deixe de limpar a borda do recipiente com um guardanapo

antes de passa-lo de uma pessoa para outra, tendo o cuidado de usar todos os lados do guardanapo para evitar que este se encharque. Não deixe que o cálice esvazie-se; volte sempre que necessário ao púlpito para enchê-lo.

VI. CUIDADOS POSTERIORES

Servidos o pão e o cálice, certifique-se de que as bandejas sejam recolhidas, e que as sobras dos elementos estejam bem acondicionados. Cada igreja tem um modo próprio de lidar com as sobras da Santa Ceia. O ideal é que sejam usados o pão e o vinho na medida certa de maneira que nada venha a faltar ou a sobrar. O bom diácono estará também atento a esses detalhes. Que todas as coisas saiam a contento, e que nada comprometa a solenidade da Ceia do Senhor.

Conclusão

Servir a Santa Ceia é uma elevadíssima honra. Em sua celebração, participamos ativamente da execução da segunda ordenança da Igreja. Empenhamo-nos, pois, nesse importante negócio! Busquemos ser um obreiro zeloso em todos os detalhes. Mas para que isso ocorra, a sua participação, diácono, é fundamental. Esmere-se em

seu ministério; não se desleixe quanto aos seus ofícios. À semelhança dos levitas do Antigo Testamento, trate as coisas de Deus com o cuidado que estas requerem. No caso específico da Santa Ceia, lembre-se: estamos a tratar da mais importante solenidade da Igreja de Cristo. Conscientizemo-nos disto!

Capítulo 8

COMO RECOLHER AS OFERTAS

INTRODUÇÃO

Conheci um diácono que encarava com tanto enlevo o ato de recolher as ofertas que, sempre que passava por nossa bancada, deixava-nos uma benção. E como nos sentíamos bem! Em suas poucas palavras, reaviva-nos as promessas todas que o Senhor eterniza por intermédio de seus profetas e apóstolos:

- Que Deus o abençoe!

- Que Deus multiplique os seus bens!

Levava ele os irmãos a contribuírem com alegria, pois com alegria recolhia as oferendas, fossem estas grandes ou tidas como pequenas. Estava ciente de que, diante de Deus, todo ofertório é igualmente importante.

Ao contrário do que muita gente supõe, recolher as ofertas não é uma tarefa simples. É uma atividade que demanda cuidado, discrição e cortesia. Pois, se as

oblatas não forem recebidas de forma alçada e grata, perderão elas o seu caráter de adoração, tornando-se um ato meramente mercantil.

I. O ESPÍRITO DO DIÁCONO NO ATO DA CONTRIBUIÇÃO

No momento de se recolher os dízimos e as ofertas, conscientize-se o diácono de que está a desempenha uma função nobilíssima. Estará ele a receber os haveres que os santos consagraram ao Senhor. Haveres que já são dons: dons que já são sacrifícios de paz ao Criador e Mantenedor de todas as coisas. Porte-se o diácono, pois, de maneira reverente e santa. Nada de brincadeiras nem inconveniências. Esteja também preparado às mais diversas situações. Nesse momento, deparar-se-á com pessoas que não poderão contribuir; e ainda outras haverá que ignoram o porquê do contribuir. Recolha as oferendas em espírito de oração, agradecendo sempre a Deus por este grande privilégio. Você estará arrecadando recursos que serão usados para expandir a obra missionária, incrementar o evangelismo pátrio e para que não falte mantimento de ofertas como um ato de

adoração. É um momento de ações de graça, no qual os santos reafirmam o seu compromisso para com o senhorio de Cristo. Este é um ato cultural, não um rito mercantilista. Você não estar num estabelecimento comercial nem numa agência bancária.

Encontra-se você no santuário do Deus Vivo, onde os santos estarão consagrando ao Senhor o fruto de seu labor. Por isso, aja com redobrado temor e tremor. À semelhança daquele diácono, cujo exemplo relatei no início deste capítulo, dirá você a cada irmão de quem receber a oferta: “Que Deus o abençoe!” ou: “Que Deus lhe multiplique os bens!” Lembra-se da maneira como Melquisedeque escolheu os dízimos que lhe santificara o patriarca Abraão? Não se deu ali um soleníssimo culto? (Gn 14.18-24). Que o mesmo culto se dê todas as vezes que nos reunirmos para magnificar a Deus com os nossos dízimos e ofertas alçadas.

II. COMO SE DEVE RECOLHER AS OFERTAS

Depois de haver atuado vários anos como diácono, e após ouvir experimentados pastores, conclui ser esta a melhor forma de se proceder a coleta das ofertas:

1. Não constranja ninguém a contribuir. Ao passar por uma pessoa, e verificar que esta não se acha com a oferta na mão, não insista. Desvie discretamente a salva. Ore para que essa pessoa tenha condições de contribuir da próxima vez.

2. Se o banco for muito grande, recolha as ofertas juntamente com outro diácono. Evite passar por entre as pernas dos irmãos (principalmente das moças e senhoras). Afinal, uma das características do diácono é a cortesia e cavalheirismo.

3. O ideal é que se comece a recolher as ofertas a partir da porta central do santuário em direção ao púlpito.

Neste caso, adotar-se-á os seguintes passos:

a) Feita a oração, encaminhar-se-ão os diáconos em direção à porta principal do templo; **b)** Enquanto a congregação está a cantar, os diáconos, desde a porta frontal da igreja. Começaram a recolher as ofertas. **c)** Chegando ao púlpito, e já encerrada a coleta, dirigir-se-ão os diáconos á tesouraria, onde entregarão as ofertas e os dízimos ao tesoureiro.

4. É de bom alvitre que os diáconos entreguem as salvas ao tesoureiro, e que este se encarregue de contabilizar as ofertas. Além do mais, o pastor haverá de necessitar de seus diáconos para outros misteres.

5. Caso os diáconos também sejam encarregados da contagem das ofertas, que esta tarefa seja feita por, pelo menos, três ou quatro, a fim de que nenhuma suspeição seja levantada contra os servidores da igreja.

III. CUIDADOS A SEREM OBSERVADOS

Durante o recolhimento das ofertas, haverão os diáconos de estar atentos a fim de que nenhum mau elemento aproveite-se da ocasião para roubar o povo de Deus. Que estas recomendações sejam seriamente consideradas:

1. Enquanto uma parte do diaconato estiver recolhendo as ofertas, a outra permanecerá de vigia em cada porta e corredor. Isto evitará surpresas desagradáveis.

2. Detectado o intruso, este deverá ser abordado por, pelo menos, dois diáconos. Contudo, deve-se tomar especial cuidado para que tumultos algum perturbem a boa ordem do culto.

3. No momento em que a oferta estiver sendo levada à tesouraria, o cortejo dos diáconos deve ser devidamente reforçado.

4. Enquanto estiverem encaminhando as ofertas à tesouraria, devem os diáconos certificar-se de que não estão sendo seguidos. Em caso positivo, retornem ao santuário.

5. No caso de uma abordagem à mão armada, não reaja. Porte-se com prudência e vigilância. De sua atitude sabia, depende a vida de muitos inocentes.

Além desses lembretes, haverá o diaconato de estar sempre atento às condições de segurança do templo. E reforçará, sempre que possível, os pontos tidos como vulneráveis deste.

Conclusão

Recomendamos, além disso, que os diáconos sejam um exemplo no que tange à mordomia cristã. Afinal, como recolheremos as ofertas aos santos, se não formos um padrão nesse quesito? Alcemos, pois, nossos dons; o Senhor ama aquele que dá com alegria, e honra aquele

que, com sabedoria e zelo, recolhe as oferendas dos santos.

Capítulo 9

O DIÁCONO COMO PORTEIRO

INTRODUÇÃO

Nos dois anos em que fui porteiro, tive oportunidade de conhecer centenas de pessoas. Todos os domingos, bem antes do culto, lá estava eu para receber os fiéis. Como era prazenteiro recepcionar aqueles homens, mulheres, jovens e crianças que, das mais diferentes regiões da outrora afável e amistosa São Bernardo, vinham adorar a Deus! Via-os chegar, dobrar os joelhos e falar com Deus.

Alguns passavam longo tempo em oração; outros abriam a Bíblia, e lá ficavam a entabular-se com os profetas e apóstolos de Nosso Senhor. Com o tempo, até já podia dizer quem chegava primeiro, e quem não se acertava com o horário do culto. Foi-me esse período de um extraordinário enriquecido espiritual. Pois aprendi a difícil arte de tratar as pessoas. Semana após semana, foram estas mostrando-me o valor e a beleza que devem permear a comunhão cristã. Não estou dizendo que ser

porteiro era fácil; exigia sempre uma dose de redobrada paciência. Mas conheço que, apesar das asperezas do encargo, aquele me foi um tempo de maravilhosas compensações. Daqueles irmãos que recepcionei, alguns já foram recolhidos pelo Senhor; outros ingressaram no ministério; ainda outros fizeram-se notáveis em diversas atividades. E pensar que, como porteiro, tive a oportunidade de falar com todos eles.

I. O QUE É O PORTEIRO

Porteiro é o que guarda a porta. É o obreiro especialmente treinado para viajar as portas do templo, e recepcionar os adoradores de Deus. Esta função, via de regra, é exercida pelos diáconos; cabe a estes manter a boa ordem na casa de Deus. Na Igreja Católica, havia uma ordem especialmente designada para guarnecer as portas dos santuários – o ostiriado. Ostiário, por conseguinte, era o clérigo encarregado dessa função. No Antigo Testamento, este mister cabia aos levitas.

1. Os levitas como porteiros

Além dos ofícios sacrificiais, encarregavam-se também os levitas das portas do Santo Templo. Em santo temor e

provada reverência, guardavam as entradas e saídas da Casa de Deus a fim de que nenhum intruso nela se esgueirasse, e para que nada imundo viesse a contaminá-la. Esta função era de tal forma considerada, que os filhos de Levi tinham-na como um ministério (1 Cr 23.5). Atuar como porteiro era uma honra, que só haveria de ser usufruída pelos sacerdotes (1 Cr 26.12).

2. O ministério de porteiro no Antigo Testamento

Os porteiros do Santo Templo formavam uma classe nobilíssima em Israel. Em virtude de sua função, que também incluía a custódia das ofertas e do tesouro sagrado, constituíam-se eles numa eficientíssima organização paramilitar. Eram divididos em turnos regulares, pois as portas da Casa de Deus tinham de ser vigiadas dia e noite. O capitão do Templo estava sempre atento a fim de supervisionar o trabalho dos porteiros. Eram estes nomeados por sorteios.

3. Recomendações ao porteiro

Embora os diáconos que atuem como porteiros não sejam levitas nem estejam a guardar o Santo Templo em Jerusalém, devem eles observar as seguintes

recomendações, pois o seu trabalho é igualmente importante:

a) Tenha sempre em mente que, na função de porteiro, você estará lidando com pessoas de diferentes temperamentos e índoles. Portanto, esteja preparado para enfrentar as mais diversas situações.

b) Leia todos os dias os Provérbios de Salomão. Temos aqui utilíssimos conselhos que muito nos ajudarão a contornar os improvisos e o inesperado da função. São 31 capítulos da mais elevada sabedoria. Um capítulo para cada dia do mês.

c) Mantenha-se continuamente em oração e vigilância. Não se deixe surpreender pelo adversário.

d) Vista-se com discrição e elegância. Lembre-se: é através do porteiro que a igreja começa a impressionar os visitantes.

e) Apresente-se de barba reparada e cabelos penteados. Nada de perfumes fortes.

f) Ao recepcionar um visitante, procure saber o nome deste; trate-o com urbanidade; busque-lhe um lugar adequado.

g) Tratando-se de um visitante não-crente, arrume-lhe um lugar perto de alguém que, durante o culto, preste-lhe a devida assistência. Providencie-lhe *Harpa Cristã* e uma Bíblia a fim de que ele não se sinta deslocado.

h) Se o visitante for crente, procure saber qual a sua igreja para que seja ele devidamente recepcionado. É de bom alvitre apresentar também os visitantes não-crentes, dando-lhes as boas vindas.

i) Esteja atento às crianças. Não as deixe sair à rua; não permita que elas fiquem entrando e saindo do templo, levando a irreverência à casa de Deus. Cuidado com os raptores e molestadores de crianças. Se vir alguma criança deixar o templo com pessoas que não sejam seus pais, consulte a estes imediatamente.

j) Tenha autocontrole. A função de porteiro exige bom senso, iniciativa, coragem e muita prudência. Não se esqueça: você é um atalaia do povo de Deus.

l) Enquanto a congregação estiver orando, permaneça atento; não feche os olhos. Vigiar enquanto os outros estão orando é um piedoso exercício.

m) Durante a coleta, verifique se algum aproveitador introduziu-se furtivamente no templo para roubar os fiéis. Em caso positivo, procure discretamente o auxílio de outros diáconos. Evite tumultos na casa de Deus.

n) Mantenha-se atento ao que ocorre fora do recinto do templo. Não se distraia com o culto. Embora seja isso custoso, é necessário para que os outros adoradores possam cultuar a Deus em segurança.

o) Esteja sempre preparado para ajudar as pessoas enfermas, deficientes e idosas, principalmente se houver escadas no templo.

Outras situações há que, aqui, não foram consideradas. Mantenha-se, por isso, sempre atento. Em caso de duvida, procure a orientação de seu pastor.

Conclusão

Apesar de não termos mais um local de adoração tão imponente e hierático como o Templo de Salomão, não

podemos descurar da função de porteiro. Terá este, afinal, de recepcionar os filhos de Deus e os pecadores que, exaustos, vêm em busca de auxílio e refrigério às suas almas. À semelhança dos levitas, exerça essa função com redobrado amor e discernimento. Fique atento! Aja como aquele atalaia que, em serviço, jamais dormita.

Capítulo 10

O DIÁCONO COMO EVANGELISTA

INTRODUÇÃO

Filipe era um obreiro que compreendia muito bem a sua vocação. Diácono, não se limitou à *diaconia.* Era-lhe este ministério uma amorosa oportunidade de proclamar o Evangelho de Cristo.

Se como diácono foi zeloso, como evangelista, desfazia-se ele em amor pelas almas. Por isso, ei-lo no deserto de Gaza por isso, conquistando uma solitária alma. Não sei qual o espaço de tempo que vai da instituição do diaconato à evangelização da gente samaritana.

O que sei é que bastou esse interregno para que o diácono Filipe se destacou-se como um dos maiores evangelistas da Igreja Primitiva. Aliás, foi ele o único obreiro do Novo Testamento a ser intitulado evangelista (At 21.8). Você é um diácono? Mire-se no exemplo de Filipe. Na *diaconia,* esmere-se; na *marturia,* empenhe-se sacrificialmente. Jamais se esqueça desta urgente

recomendação de Paulo: “Faze a obra de um evangelista” (2 Tm 4.5).

I. O QUE É O EVANGELISTA

No contexto que ora apreciamos, evangelista é o que proclama a mensagem salvadora de Nosso Senhor Jesus Cristo. Poderíamos chamá-lo também de evangelizador ou anunciador das Boas Novas. Há de levar-se em conta também que o evangelista não pode ser considerado apenas aquele que foi ordenado solene e publicamente pela igreja. Ele é, antes de tudo, alguém que recebeu o dom de proclamar extraordinariamente o Evangelho de Cristo. Ao discorrer sobre os dons ministeriais, Paulo coloca o evangelista imediatamente após o apóstolo e o profeta: “E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas e outros para evangelistas...” (Ef 4.11). O pastor Estevão Ângelo de Souza afirma que o verdadeiro evangelista “nunca é constrangido por ninguém ou não depende de incentivo. O Espírito Santo o constrange. O amor pelas almas o move. A vocação divina o inspira e anima. Ele é capaz de exclamar como Paulo: ‘sobre mim pesa a obrigação (...) e ai de mim se não pregar o

evangelho (1 Co 9.16)'". Conclui-se, pois, ser o evangelista imprescindível à expansão do Reino de Deus. Sem ele, inexiste a igreja local. Em toda a sementeira evangélica, aparece primeiro o evangelista, e logo em seguida vem o pastor e demais componentes do ministério sagrado.

Não foi o que aconteceu com Filipe em Samaria? Leia atentamente o capítulo oito de Atos dos Apóstolos. Nessa passagem, constataremos que Filipe era um evangelista bem cônscio dos objetivos que deveria alcançar.

1. Os três principais objetivos da obra evangelística

Quando Filipe chegou a Samaria, em virtude da grande perseguição que se abatera sobre a Igreja de Jerusalém, já tinha em mente que objetivos a obra evangelística deveria alcançar: Salvação de almas, Crescimento e Serviço cristão.

Embora não tivesse as necessárias condições de, sozinho, atingir tais alvos, achava-se ele ciente de quão imprescindíveis eram estes. Eis porque ansiava viesse, com urgência, ajuda de Jerusalém. Ao tomarem parecer da situação, os apóstolos acharam por bem enviar a

Samaria Pedro e João (At 8.14). E foi assim que os objetivos da obra evangelística começaram a ser alcançados naquela cidade tão desprezada por Israel, e agora tão amada pela Igreja.

O primeiro objetivo da evangelização, contudo, foi perfeitamente buscado e alcançado por Filipe que, doravante, seria conhecido como o evangelista por excelência:

a) Salvação de almas

O que é salvação? “Salvamento, libertação de um perigo iminente. Livramento, do que aceita a Cristo, do poder e da maldição do pecado”. *Dicionário Teológico,* Edições CPAD. A salvação é obtida pela graça; é um dom gratuito e imerecido que o pecador arrependido recebe mediante a fé que empenha no sacrifício de Jesus Cristo (Ef 2.8-11). Duas são as principais evidências da salvação: uma interna, e outra externa.

- **Interna:** constitui-se esta evidência no testemunho que nos dá o Espírito Santo de que, agora, somos filhos de Deus (Rm 8.16).

- **Externa:** é a demonstração, através de um viver piedoso e exemplar, de que, realmente nascemos da água e do Espírito (Ef 4.24; Tt 2.12).

b) Crescimento

É o processo de maturação espiritual que se dá na vida de quem recebe a Jesus Cristo.

Dá-se o crescimento espiritual através.

- De um discipulado consciente e relevante,
- Da devoção diária: oração e leitura da Palavra de Deus.
- Do exercício da mordomia tanto de si mesmo quando dos haveres que possui o novo crente.

É desnecessário dizer que o novo crente só alcançará o pleno crescimento espiritual se for convenientemente discipulado. Levemo-lo, pois, a exercitar-se na piedade.

Os principais resultados do crescimento espiritual são: *santificação, perseverança na fé, equilíbrio e bom testemunho.* Através de um crescimento harmonioso e contínuo, o novo convertido é conduzido pelo Espírito

Santo a alcançar a estatura de perfeito varão (1 Tm 3.15-17).

c) Serviço Cristão

Entendemos por serviço cristão a “atuação consciente do discípulo de Cristo, visando a expansão do Reino dos Céus e a glória maior do nome de Deus.

O serviço cristão consiste na evangelização, missões, assistência social e na manutenção da comunhão dos santos. “O seu principal objetivo é a glorificação do nome de Cristo, pois a Igreja é tanto uma comunidade de serviços e educação, quanto uma comunidade adoradora”. *Dicionário Teológico,* Edições CPAD.

Cabe ao evangelista, por conseguinte, não somente ganhar almas mas também levar os novos conversos a comprometer-se com as várias tarefas executadas na Seara do Mestre.

Esteja, pois, devidamente preparado a fim de executar o trabalho evangelístico. Sirva bem como diácono. Mas sempre que houver oportunidade, faça o trabalho de um evangelista.

II. DE QUE FORMA PODERÁ O DIÁCONO ATUAR COMO EVAGELISTA

Além do evangelismo pessoal, que é uma obrigatoriedade de todo crente, deve o diácono aproveitar as ocasiões que lhe propiciam o seu ministério a fim de conduzir as pessoas a Cristo. Eis algumas sugestões a serem consideradas:

1. Recepcione bem as pessoas

Se você atua como porteiro, ou recepcionista, dispõe de excelentes oportunidades para mostrar o seu amor e afeição por aqueles que ainda não aceitaram a Cristo. Seja, portanto, atencioso e côrtes com os visitantes não-crentes. Dá-lhes as boas-vindas.

Arrume-lhes um lugar adequado para que eles possam ouvir com toda atenção a Palavra de Deus. Você haverá de verificar que, mesmo sem falar explicitamente de Cristo a essas pessoas, estará pregando-lhes o Evangelho. Certa vez um grande evangelizador convocou seus discípulos, e fez-lhes a seguinte recomendação: “Vão e preguem a Cristo; se for preciso, usem palavras”. Se você souber recepcionar os visitantes, levando-os a se

sentirem bem na casa de Deus, certamente terão eles maiores possibilidades de virem a se converter.

2. Evangelizar os transeuntes

Se a sua igreja fica próxima à rua, convide os transeuntes a entrarem para ouvir a Palavra de Deus. Se, todavia, você for porteiro, não descure de suas obrigações. As portas do templo não devem ficar desguarnecidas sob hipótese alguma. Fale, pois, com o seu pastor acerca de suas preocupações evangelísticas. Certamente, destacará ele outro diácono para que fique em seu lugar. Enquanto este permanecer à porta, estará você convidando os pedestres a aceitarem a Cristo.

3. Distribua folhetos

Você poderá também distribuir folhetos e outras literaturas tanto aos não-crentes que visitam a igreja como também aos que passam defronte ao templo, mas que não querem entrar para assistir ao culto.

4. Nos cultos ao ar livre

Durante a realização dos cultos ao ar livre, poderá você contribuir para a conquista de muitas almas: *distribuindo*

folhetos e outras literaturas evangelísticas, convidando os transeuntes a ouvirem a pregação do Evangelho e ajudando as pessoas a decidirem quando do apelo.

5. Cruzadas e campanhas evangelísticas

O que acima dissemos acerca dos cultos ao ar livre, também se aplica às cruzadas e campanhas evangelísticas. Nesse caso especifico, apresente-se como voluntario para atuar como introdutor e outras funções afins. Procure, no entanto, as devidas orientações dos responsáveis pelo evento.

6. Durante os apelos

Seja no templo, seja num estádio, seja no culto ao ar livre, auxilie as pessoas em sua decisão Por Cristo. Muitas delas, Por causa de sua timidez, enfrentam enormes dificuldades para irem à frente receber oração.

Portanto, acompanhe-as, dobre os joelhos com elas e por estas interceda. Não é somente o que prega que ganha almas. É também aquele que, em silêncio e, não raro, no anonimato, ajuda o pecador exausto e sobrecarregado a chegar aos pés da cruz.

Conclusão

Diácono, faze a obra de um evangelista! É a ordem que cada obreiro recebe de Cristo. E não podemos ignorá-la. Sirva ganhando almas; ganhe almas, servindo e demonstrando ardente amor por Deus. Faça de sua *diaconia,* uma *marturia* eficiente e relevante! O diácono que ganha almas, sábio evangelista é.

Capítulo 11

A ÉTICA DIACONAL

INTRODUÇÃO

Olinto era um velho diácono de minha primeira igreja. Homem alto, forte, barrigudo. De minha quase segunda infância, cuidava eu tratar-se de um gigante. O velho Olinto não falava; trovejava.

Sua voz parecia percorrer não somente o templo, como os campos todos de São Bernardo, aquela outrora pacata e graciosa cidade paulista. Não preciso dizer que os meus amigos e eu não gostávamos dele. Pois estava constantemente a surpreender-nos em peralvilhices. Ele chegava ao absurdo de não permitir que ficássemos correndo pelo templo, nem que fossemos à rua . Onde já viu tal coisa? Quantos ralhos não levei do velho Olinto! E a carranca daquele italiano? E o seu sotaque carregado? Aquelas palavras que não entendíamos.

Aquelas frases – meio toscanas, meio portuguesas – soavam como se fossem broncas, ecoavam corretivas e

disciplinadoras. Francamente, as crianças não gostávamos do velho Olinto. Mas ali, na lateral esquerda daquele templo querido e sempre benfazejo, onde presenciei, ainda em minha peraltice, tantas manifestações da glória de Deus, achava-se um diácono ético e santo. Um homem que gozava da inteira confiança de seu pastor. Um dia o Senhor Jesus achou por bem recolher o velho Olinto. Ele foi-se embora! Mas a sua imagem, guardo-a no coração. Hoje, fosse escrever-lhe o epitáfio, escolheria esta inscrição: “Aqui jaz um diácono que soube ser ético”. O velho Olinto sabia que, além das qualificações que a Palavra de Deus demanda de cada candidato ao diaconato, todos precisam observar um código de ética. Sem ética, nenhum ministério cristão é possível.

I. O QUE É A ÉTICA DIACONAL

Antes de entrarmos a ver o que é a ética diaconal, é necessário que busquemos uma definição de ética.

1. O que é ética

Numa primeira instancia, podemos dizer que a ética é o: “Estudo sistemático dos deveres e obrigações do

individuo, da sociedade e do governo. Seu objetivo: estabelecer o que é certo e o que é errado. Ela tem como fonte a consciência, o direito natural, a tradição e as legislações escritas; mas, acima de tudo, o que Deus estabeleceu em Sua Palavra – a Ética das éticas. A essência da ética acha-se registrada nos Dez Mandamentos – a única legislação capaz de substituir a todas as legislações humanas". *Dicionário Teológico,* Edições CPAD.

2. O que é a ética diaconal

Ética diaconal, por conseguinte, é a norma de conduta que o diácono deve observar no desempenho de seu ministério. Através desse código de procedimento, terá ele condições de discernir entre o que é certo e o que é errado. Para que jamais venha a ferir as normas de conduta de seu ministério, é imprescindível tenha ele sempre consigo as fontes da ética diaconal.

II. FONTES DA ÉTICA DIACONAL

Do que já vimos até ao presente instante, não nos é difícil inferir quais as fontes da ética diaconal. São estas a

Bíblia, os regulamentos da igreja local e a consciência do próprio diácono.

1. A Bíblia

Os evangélicos temos a Bíblia como a infalível e inspirada Palavra de Deus. É a nossa inapelável regra de norma e conduta. Quais quer estatutos ou regulamento eclesiásticos têm de emanar da Bíblia, e não pode, sob hipótese alguma, contrariar a esta.

O diácono, portanto, orientar-se-á espiritual e eticamente através da Bíblia. Quanto ao seu cargo especifico, terá em conta as seguintes passagens: Atos 6.1-6; 1 Timóteo 3.8-13. Leia sempre esses textos; tenha-os em mente; inscreva-os na tábua do seu coração. Agindo assim, jamais tropeçará.

2. Regulamento da igreja local

Além das Sagradas Escrituras, estará o diácono atento aos regulamentos, estatutos e convenções da igreja local. É claro que, conforme já dissemos, têm de estar estes em perfeita consonância com a Palavra de Deus. Esteja atento, pois, às particulares culturais e estatutárias de sua

igreja. Aja de conformidade com estas; não as despreze nem as fira. Se não contrariam a Palavra de Deus, por que não observá-las? Lembre-se: é melhor obedecer do que sacrificar. Tenha a necessária sabedoria para não ferir as convenções locais. Quem no-lo recomenda é a lei do amor.

3. A consciência do próprio diácono

É a consciência aquela voz secreta que temos na alma que, de conformidade com os nossos atos, aprova-nos ou reprova-nos.

O apóstolo Paulo dá como válido o testemunho da consciência: “Pois não são justos diante de Deus os que só ouvem a lei; mas serão justificados os que praticam a lei (porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem por natureza as coisas da lei, eles, embora não tendo lei, para si mesmo são lei, pois mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os)” (Rm 2.13-15). Por conseguinte, mantenha sempre a consciência em absoluta consonância com a Palavra De Deus. Não a deixe

cauterizar-se. Permita que o Espírito Santo domine-a por completo. E, todas às vezes que, quer em sua vida particular, quer no exercício do ministério, sentir que ela o acusa, dobre os joelhos, e ore como o rei Davi: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho perverso, e guia-me pelo caminho eterno”(Sl 139.23,24). O Senhor, então, mostrar-lhe-á como agir e corrigir-se se for necessário. Lembre-se: a sua consciência, posto que necessária, não é autoridade última de sua vida. Ela somente será valida se estiver em conformidade com os reclamos e demandas da Palavra de Deus.

Já que sabemos quais as fontes da ética diaconal, vejamos a seguir quais os principais direcionamentos éticos que deve o diácono observar no exercício de seu ministério.

III. SÍNTESE DA CONDUTA ÉTICA DO DIÁCONO

Por conduta ética do diácono, entendemos o seu irrepreensível proceder de conformidade com a Palavra de Deus, conforme os regulamentos, estatutos e visão

cultural da igreja em que ele estiver lotado, e segundo o testemunho de sua consciência que, em hipótese alguma, pode contrariar as Sagradas Escrituras. Em linhas gerais, estes são os procedimentos éticos que deve o diácono observar no exercício de seu ministério.

1. Quanto ao seu oficio

Conscientize-se de que foi separado para servir a mesa de Cristo, a mesa da igreja de Cristo e a mesa do anjo da igreja de Cristo. Portanto, exerça o seu ministério de acordo com a ordenança que lhe confiou o Senhor Jesus. O seu principal mister é servir e não pregar. Ainda que você pregue melhor que seu pastor, não se prevaleça disso. Dê-lhe todo o suporte a fim de que ele se dedique à oração e a exposição da Palavra.

Caso tenha você outra chamada especifica, não se exaspere; no devido tempo ela acontecerá. Até lá, cumpra rigorosamente o seu diaconato. Se houver oportunidade para pregar, pregue. Mas não se esqueça, por enquanto, sua obrigação é servir à mesa. Não se ausente para pregar; esteja presente para servir.

2. Quanto à sua lealdade

Lembre-se: é você, como diácono, o melhor amigo de seu pastor. Portanto, não se junte aos revoltosos nem faça oposição ao anjo da igreja. Antes, ore por ele, sirva-o amorosa e sacrificialmente.

Se o seu pastor equivocar-se em alguma coisa, converse com ele, mostrando-lhe, humildemente, porque acha você estar ele errado. Não se esqueça de que ele pode estar certo. Por isso, saiba com falar-lhe. E que ninguém mais saiba do teor dessa conversa.

3. Quanto às críticas

Não critique o seu pastor nem os membros de seu ministério. Quando alguém o fizer, desestimule-o. Mostre aos críticos acérrimos e pertinazes que, ao invés das críticas, ocupem-se em orar pelo anjo da igreja e pela expansão do Reino de Deus.

4. Quanto à ministração particular da Ceia

Se designado a levar a Ceia para alguém do sexo feminino, no domicilio deste, faça-se acompanhar de sua esposa ou de outra pessoa. Jamais entre na casa de um

membro da igreja a menos que lá esteja o pai de família. Seja prudente e vigilante. Fuja sempre da aparência do mal. Não brinque com o pecado.

5. Quanto ao dinheiro

O ideal é que todos os dízimos e ofertas sejam entregues na casa do tesouro. Se alguém quiser entregar-lhe o dízimo, ou a oferta, peça-lhe gentilmente que o faça na tesouraria da igreja. Se for imprescindível que receba a oferta e o dízimo, leve-os imediatamente a igreja. Não os esqueça consigo nem tome-os emprestados. O dinheiro não é seu; pertence a Jesus.

6. Quanto à discrição

A discrição é uma das qualidades essenciais para o exercício do diaconato. É a qualidade de quem é prudente, sensato e que sabe guardar segredo. O homem discreto é alguém em quem se pode confiar. No exercício do diaconato, você certamente presenciará muitos casos graves e comprometedores. Se você não for prudente, poderá arruinar preciosas vidas e reputações que vêm sendo construídas há décadas. Portanto, saiba controlar a própria língua.

Em casos graves, procure diretamente o seu pastor. Não vá sair por aí segredando, pois o segredo quando compartilhando com pessoas erradas deixa de ser segredo para tornar-se notícia. Leia o Livro de Provérbios diariamente, e certifique-se de quão valiosa é a discrição.

7. Quanto às arbitrariedades

Exerça o seu ministério no poder do Espírito Santo. Deixe de lado as ameaças e arbitrariedades. Você não precisa lembrar a ninguém de que é diácono, mas todos precisam saber que você é, de fato, um homem de Deus.

8. Quanto à pontualidade

Chegue no horário do culto; não se apresse a sair. O seu pastor está sempre a precisa de sua ajuda.

9. Quanto à obediência

Não discuta as ordens do seu pastor. Se não estiver de acordo com elas, indague sobre as razões destas. Se não puder cumpri-las, justifique-se. Mas não saia resmungando nem murmurando.

Lembre-se: é melhor obedecer do que sacrificar.

10. Quanto ao amor

Se você exercer o seu ministério com amor, estará cumprindo a Lei, os Profetas e todo o Novo Testamento. E será, em todas as coisas, bíblica e eticamente correto. Portanto, não se esqueça da Palavra de Deus. Tem-na bem junto de si!

Conclusão

À semelhança do velho Olinto, pode você exercer um diaconato irrepreensível. Aja, portanto, de acordo com a Palavra de Deus. Observe as normas de sua igreja, e jamais desdenhe da visão cultural desta. Prime pela ética. Não deixe que nada venha a macular o seu ministério. Não basta ser eficiente; é necessário que ajamos de conformidade com a Palavra de Deus.

QUESTIONÁRIO GERAL

Capítulo 1

1. Qual o significado da palavra diácono em grego?

2. Por que foi instituído o diaconato?

3. Por que o diaconato é tanto um oficio quanto um ministério?

4. O que caracteriza o diácono como ministro?

5. Por que Jesus foi o Diácono dos diáconos?

Capítulo 2

1. O que são as qualificações diaconais?

2. O que é a reputação?

3. Por que o batismo no Espírito Santo é indispensável ao serviço cristão?

4. Qual a diferença entre a sabedoria divina e a mundana?

5. O que você entende por honestidade?

6. Por que é recomendável ao diácono a abstinência de bebidas alcoólicas?

7. De que forma poderá o diácono guardar o ministério da fé?

8. Por que deve o diácono governar bem os seus filhos?

9. Que significa governar bem a sua casa?

Capítulo 3

1. O que é a provação do diácono segundo o texto de Paulo que estamos estudando?

2. Por que a provação do diácono é importante?

3. Em que consiste a provação do diácono?

Capítulo 4

1. Quais as responsabilidades do diácono em relação ao seu pastor?

2. Por que o diácono é o auxiliar mais direto de que dispõe o pastor?

3. Como o diácono deve ver os seus companheiros de ministério?

4. De que forma os obreiros são vistos na Bíblia?

5. Que responsabilidade tem o diácono em relação ao Credo da igreja?

6. Cite, pelo menos, quatro artigos de seu Credo.

7. Quais as principais verdades pentecostais?

8. De acordo com o nosso Credo, de que forma devemos considerar a Bíblia?

9. O que é a Santíssima Trindade?

Capítulo 5

1. Sobre a posição da mulher na Igreja Primitiva. Comente.

2. Em qual serviço as mulheres se destacaram na Igreja Primitiva?

3. Cite nomes de mulheres que se destacaram na Igreja Primitiva.

4. Quais deveriam ser as qualificações da diaconisa?

Capítulo 6

1. Por que o diácono é o filantropo-mor da Igreja de acordo com o Novo Testamento?

2. O que é a filantropia?

3. Por que a filantropia cristã é superior?

4. O que o AT diz acerca da filantropia?

5. O que o NT diz acerca da filantropia?

6. Cite sugestões dadas aqui que poderão ser desenvolvidas pelo diácono?

Capítulo 7

1. O que é a Sana Ceia?

2. Por que a Santa Ceia é tanto um memorial quanto uma profecia?

3. Por que a solenidade deve ser mantida na Santa Ceia?

4. Quais os dois elementos da Santa Ceia?

5. Que cuidados deve tomar o diácono quanto à higiene pessoal?

6. Em linhas gerais, como o pão deve ser servido?

7. Como o cálice deve ser servido?

Capítulo 8

1. Que atitude deve ter o diácono no ato de se recolher a oferta?

2. De onde se deve começar a recolher as ofertas?

3. Por que tem de ser o diácono um exemplo no que tange à mordomia cristã?

Capítulo 9

1. O que é o porteiro?

2. Quem exercia o cargo de porteiro no AT?

3. Por que o Santo Templo era guarnecido de porteiros?

4. Cite algumas recomendações que deve o diácono seguir em sua função de porteiro?

Capítulo 10

1. O que é o evangelista?

2. Quais os três objetivos da obra evangelística?

3. Qual o significado de salvação?

4. O que crescimento espiritual?

5. O que é serviço cristão?

6. De que forma poderá o diácono atuar como evangelista?

Capítulo 11

1. O que é ética?

2. O que é ética diaconal?

3. Quais os fundamentos da ética diaconal?

4. Qual o principal fundamento da ética diaconal?

5. Quais as duas passagens bíblicas que dizem respeito diretamente à postura do diácono?

6. O que você entende por conduta ética do diácono?

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **MANUAL DO DIÁCONO.** CPAD.

COUTO, Geremias do. **LIÇÕES BÍBLICAS, JOVENS E ADULTOS** 4º Trimestre de 1998. CPAD.

CHAMPLIN, Russell Norman. **ENCICLOPÉDIA DE BÍBLIA, TEOLOGIA E FILOSOFIA.** Editora Hagnos.